



COLECCIÓN

ORELLANA

COLEÇÃO

Juan Valera
A Poesia do Brasil

edição bilíngue



Estudo introdutório e tradução de
María de la Concepción **PIÑERO VALVERDE**

**Orellana é uma coleção
que tem por objetivo:**

- Difundir as obras-primas da literatura espanhola e hispano-americana através de:
 - Edições bilíngues,
 - Traduções para o português,
 - Edições em espanhol com notas léxicas e explicações em português.



- Publicar estudos sobre a língua, a cultura e a literatura espanhola e hispano-americana.

O nome da coleção é uma homenagem ao espanhol Francisco de Orellana, primeiro explorador e descobridor das terras brasileiras na Amazônia.

JUAN VALERA

De la poesía del Brasil / A Poesia do Brasil

edição bilingue

Coleção Orellana  Nº 10  Colección Orellana



COLECCIÓN

ORELLANA

COLEÇÃO

Juan Valera
A Poesia do Brasil

edição bilingue

Estudo introdutório e tradução de
Maria de la Concepción PIÑERO VALVERDE

IA FACTORIA
199 1 0001 0000 5



Embajada de España
CONSEJERÍA DE EDUCACIÓN Y CIENCIA

1996

DIRECTOR DE LA COLECCIÓN:
Manuel Morillo Caballero

Datos Internacionales de Catalogación en Publicación (CIP)

Valera, Juan

A Poesia do Brasil / Juan Valera ; estudo introduçório e tradujo de Maria de la Concepción Piñero Valverde. — ed. bilingüe. — Madrid : La Factoría de Ediciones ; Brasilia : Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España , D. L. 1996

103 p. ; 21 cm. — (Coleção Orellana = Colección Orellana ; 10)

Bibliografía : p. 23-24

ISBN- 84-921042-2-8

DL- M-25.353-1996

I. Poesía brasileña. Historia y crítica

I. Piñero Valverde, María de la Concepción II. España. Embajada. Consejería de Educación y Ciencia (Brasil) III. Título IV. Serie.

821. 134. 3(81) - 1. 09

© *introducción y traducción*: María de la Concepción Piñero Valverde.

© *edición*: Consejería de Educación y Ciencia de la Embajada de España en Brasil.

Ilustración de cubierta: Sendo (de la serie *Janelas*).

ISBN 84-921042-2-8 *Depósito legal*: M-25.353-1996

Diseño editorial y producción: LA FACTORÍA DE EDICIONES, S. L.

Conde de Xiquena, 15 - 2º D.

E-28004 Madrid — España.

Tfno./Fax: (34-1) 310 40 98.

Impresión: Prisma Industria Gráfica, s. A. (Madrid)

PRESENTACIÓN.....	7
ESTUDO INTRODUTÓRIO: Juan Valera, <i>brasilianista</i> esquecido.....	9
BIBLIOGRAFIA	21
OBSERVAÇÃO SOBRE O TEXTO DE VALERA.....	23
DE LA POESÍA DEL BRASIL	24
A POESIA DO BRASIL	25

PRESENTACIÓN

Con el presente volumen, la COLECCIÓN ORELLANA llega a su número diez, número lo suficientemente significativo como para pensar que la Colección ocupa ya un lugar importante en el afecto de las personas interesadas en la difusión de la cultura hispánica en Brasil; número que también debe servir de motivación a todos los que, de un modo u otro, tenemos algo que ver con el laborioso proceso que conduce a la materialización de un libro.

En esta ocasión presentamos la edición bilingüe de *De la poesía del Brasil*, de Juan Valera, acompañado por un estudio introductorio de la profesora María Concepción Piñero Valverde, autora también de la traducción al portugués.

Iberista convencido, diplomático, académico, crítico y novelista son sólo algunas de las facetas de la personalidad de don Juan Valera (1824-1905) y que justificarían plenamente la publicación de este ensayo, pionero en el estudio autónomo de la literatura brasileña y producto del conocimiento directo que el autor tuvo del país y de su lengua.

De familia aristocrática, Valera responde al tipo de andaluz cosmopolita que supo aunar localismo con universalismo y vida social con producción de hombre de letras. Su peculiar talante y sus vivencias europeas y americanas hacen de él un testigo excepcional de las abundantes convulsiones que jalonan nuestro siglo xix. Se trata de un personaje de difícil clasificación, cuyas opinio-

nes, quizá por estar escritas con un cierto desapasionamiento, parecen ganar consistencia con el paso de los años. Aunque es más conocido por sus novelas (*Pepita Jiménez, Juanita la Larga, Doña Luz, Genio y Jigura, ...*), escritas ya en su madurez y en época de pleno apogeo del realismo —ante el que, sin embargo, siempre mantuvo serias reservas—, también en sus textos de crítica literaria muestra una gran lucidez, como indica, por ejemplo, que fuera el primer crítico europeo en mostrar su apoyo a Rubén Darío.

En el ensayo que aquí presentamos se manifiestan varias de las características antes mencionadas, por lo que creemos que, para conocer la literatura brasileña de la época y sus relaciones con la hispanoamericana, el texto proporciona no pocos motivos de interés.

Manuel Morillo Caballero
Brasilia-Madrid, julio de 1996

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Juan Valera, *brasilianista* esquecido

Pode parecer estranho que alguém tão ligado ao Brasil, como Juan Valera, continue aqui quase desconhecido. Nem mesmo sua obra de romancista tem recebido atenção entre nós, apesar de sua importância na literatura espanhola e apesar de ser uma das poucas, na Europa do século XIX, que se inspira também em pessoas e lugares do Brasil.

De fato, Juan Valera (1824-1905), diplomata, crítico literário, ensaísta, poeta, notável escritor de cartas, é conhecido sobretudo por seus romances. O dedicado ao Brasil, *Genio y figura* (1897) é um dos últimos e não tem a popularidade de outros, como *Pepita Jiménez* (1874). Escritos em um momento de ascensão do Realismo, os romances de Valera se voltam não só para o cuidadoso registro de ambientes e costumes, mas para a exploração interior das personagens. Mas se o romance representa o lado mais conhecido da atividade de Valera, outros de seus escritos revelam, com força igual, ou até maior, seus poderes de escritor e mesmo de estilista. Entre estes outros escritos, ocupa lugar importantíssimo o epistolário, também inexplicavelmente quase desconhecido no Brasil. Sim, pois no Rio de Janeiro, onde viveu como diplomata entre 1851 e 1853, Valera escreveu algumas de suas melhores cartas e encontrou estímulo para a criação de importantes páginas de ficção e de crítica literária.

Não que ao chegar aqui Valera pudesse prever o destino «brasileiro» de parte de sua obra. Foi mesmo um tanto contrariado que desembarcou no Rio de Janeiro, em dezembro de 1851. Até então havia trabalhado como adido diplomático na legação espanhola em Portugal, de onde esperava sair somente para uma das grandes capitais europeias. Mas o ardor da juventude não lhe favoreceu os planos: em Lisboa havia chegado a ponto de anunciar um noivado do qual se arrependeu logo depois. Aceitou, então, a contragosto, a transferência como adido para a longínqua capital do único império sul-americano.

Nem tudo, porém, eram desvantagens na partida para o Brasil. A remuneração dos que serviam na legação espanhola do Rio de Janeiro era mais atraente que a de seus colegas em serviço na Europa. E por um soldo mais vantajoso cabiam obrigações menores: a legação, dirigida havia muitos anos por Dom José Delavat, não exigia dos funcionários trabalho exaustivo. Eram poucos os assuntos oficiais que ali tramitavam. Isso deixava ao ministro espanhol e aos seus auxiliares generosas porções de tempo livre.

As longas horas de ócio não eram fáceis de preencher para alguém, como Valera, acostumado ao bulício da sociedade europeia. Poucas atrações parecia oferecer-lhe uma capital então pequena. O sol causticante do verão carioca lhe tornava impossíveis os passeios, não obstante o esplendor da natureza. E assim o jovem diplomata deixava-se estar em seu quarto, fumando e ouvindo as melodias tocadas por uma vizinha pianista ou as canções melancólicas que ritmavam os trabalhos dos escravos. Seria desesperadora a situação, se Valera não pudesse desabafar-se escrevendo. Nas tardes daquele pacato Rio de Janeiro, começava a surgir um dos grandes romancistas e críticos da literatura espanhola.

É verdade que antes disso Valera já se iniciara como escritor e, mais precisamente, como poeta. É também certo que desde o início de sua carreira de diplomata começou a trocar correspondência com um grande escritor e amigo: Serafín Estébanez Calderón.

Eram ambos andaluzes, dotados de fino espírito crítico e de excelente humor: não é de estranhar que se entendessem bem. Mas é no epistolário «brasileiro» de Valera, é nesse epistolário que pela primeira vez se revelam plenamente seus dotes de prosador. As descrições da vida no Rio de Janeiro, os incidentes quotidianos relatados de modo pitoresco, os mexericos da corte de Pedro II, desvendados com ironia e malícia, as aventuras amorosas do jovem diplomata, narradas sem rebuços, tudo faz prever o futuro criador de alguns dos grandes romances espanhóis do século XIX.

O epistolário abre para Valera não só o caminho da prosa de ficção, mas também o da crítica literária. É natural que por ela se sentisse atraído alguém que aliava à finura da inteligência o extraordinário conhecimento das literaturas clássicas e das principais literaturas modernas. São frequentes em Valera as alusões aos grandes mestres gregos e latinos, e chega a ser surpreendente sua familiaridade com literaturas como a inglesa e a alemã, lidas no original. Tendo alcançado perfeito domínio da língua francesa e de sua literatura, em mais de uma página, confessa o fascínio que lhe despertava a cultura da França. Fascínio igual, senão maior, tinha sobre ela a literatura italiana. A obra de Leopardi, em particular (à qual dedicou importante ensaio), repercutiu fundamente no espírito de Valera.

Nenhuma dessas literaturas, porém, recebeu de Valera, como crítico literário, a atenção que dedicou aos escritores do mundo hispânico. A afirmação é menos previsível do que pode parecer. O próprio cosmopolitismo a que era levado por sua carreira diplomática podia tê-lo deixado mais preso às novidades literárias de Paris que às do mundo ibérico. Ainda mais: o momento histórico de relativa tensão entre a Espanha e os países americanos, recém- independentes, poderia tê-lo convidado a limitar seu horizonte, quando muito, a seu país natal. Para que isso não ocorresse foi decisiva a influência de Estébanez Calderón.

Como tantos espanhóis do século XIX, Estébanez Calderón era um iberista. Numa época de decadência política da Espanha, jul-

gava possível recobrar a grandeza e a prosperidade de sua nação. Passo importante para isso seria retornar às fontes da cultura espanhola dos Séculos de Ouro. Fontes que, ainda segundo Estébanez Calderón, não se limitavam à tradição cultural castelhana, mas incluíam também a portuguesa. Para este iberismo cultural, o hispânico, e mesmo o espanhol, abarcam o português, longe de a ele se contraporem. E este é o iberismo desde cedo inculcado pelo amigo no espírito de Valera. Dom Serafín anima a aproveitar sua estada em Lisboa para ler ou reler os clássicos portugueses. Frequentemente lhe pede, aliás, que percorra os livrinhos da cidade, à cata de edições antigas e raras dos que considerava, tanto quanto os grandes escritores castelhanos, verdadeiros mestres das letras hispânicas

O que se diz da cultura portuguesa vale para a brasileira. Também ela, de acordo com tais concepções iberistas, participa da hispanidade cultural, onde ocupa lugar de relevo. Em Lisboa, encontrando-se com Varnhagen, Valera teve a atenção voltada para o Brasil. A permanência no Rio de Janeiro, ainda que de início pouco desejada, acabou por lhe oferecer uma ocasião privilegiada de conhecer a nascente literatura brasileira e de cotejá-la com as demais literaturas do continente americano. Já nas páginas do epistolário, como se dizia, há trechos notáveis que anunciam o grande crítico, mais tarde reconhecido. Nessas páginas, igualmente, começa a germinar o ensaio que Valera, pouco mais tarde, haveria de dedicar à cultura brasileira.



Primeiro estudo dedicado na Espanha à literatura brasileira, o ensaio de Juan Valera, *De la poesia del Brasil*, publicado em Madri em 1855, foi também um dos primeiros em seu gênero na Europa. Note-se, aliás, que, ao contrário do que poderia insinuar seu título, este ensaio não se limita a tratar de questões literárias. Abre-se com uma vasta apresentação dos mais diversos setores da vida bra-

sileira, da geografia à economia. Valera escrevia sobre um país que alcançara a independência pouco mais de trinta anos antes e sobre o qual era muito escasso o que se publicara fora do âmbito da língua portuguesa. Foram suas páginas, portanto, que ofereceram ao vasto público de língua espanhola uma primeira interpretação da realidade brasileira, interpretação nascida do conhecimento pessoal do país, de sua capital e de seu idioma.

A literatura brasileira, entretanto, está no centro do ensaio de Valera. Suas pesquisas neste campo, como se disse, remontavam provavelmente a Portugal e aos encontro com Varnhagen. Já no Rio de Janeiro, contudo, Valera encontra nas cartas de Estébanez Calderón um poderoso estímulo para a pesquisa bibliográfica. Dizia-lhe, numa delas, o amigo:

*Cómo diablos ha omitido en sus epístolas tras hablarme de libros viejos y curiosidades literarias?*¹

A queixa de Estébanez Calderón prosseguia aludindo à curiosidade de conhecer dicionários e gramáticas das línguas indígenas e, neste sentido, podia justificar-se. Mas no que diz respeito especificamente à literatura, é preciso reconhecer que, desde o início, Valera lhe havia dado notícias, ainda que sumárias, sobre o que se escrevia no Brasil. Sua primeira carta ao amigo de Madri não esquece de dizer o seguinte:

*De poetas hay por aquí un enjambre, y algunos buenos; Magalhães que está ahora en Nápoles de Ministro, y Gonçalves Dias son los mejores; pero en particular este último, que ha sabido dar a sus composiciones la novedad, el primor, las galas, del país en que nacieron, y la vida y el fuego de este clima.*²

-
1. Correspondencia Juan Valera - Serafín Estébanez Calderón (1850-1858) (Abreviatura: VEC). Ed. de Carlos Sáenz de Tejada Benvenuti, Madrid, Moneda y Crédito, 1971. (10/5/1852), p. 171.
 2. VEC (13/2/1852), p. 165. Ao famoso verso de Gon^{alves} Dias «onde canta o

Ao lado do elogio a *algunos buenos poetas*, Valera tampouco esconde suas reservas para com os demais, reservas que outras vezes afloram nestas cartas. De qualquer forma, passado algum tempo, confessa Valera ao amigo que também tentara cantar em versos a natureza brasileira e que, para isso, recorrera a uma imagem querida dos poetas brasileiros e expressiva do panorama contemplado, ou seja, as praias de Niterói, fronteiras ao Rio de Janeiro. Diz Valera:

No ha mucho escribí unos versos, en los cuales, entre mil garatusas fantásticas y meditabundas, iba engarzada la siguiente descripción:

*Me encontré al despertar en las remotas
Playas de Nicteroy, dó calienta
El Sol la tierra con fecundos rayos,
y brotan flores, adorantes, ricas,
y gigantescos árboles pomposos
De perenne verdura: dó los montes
Asemejan titanes fulminados
En el momento de escalar las nubes [...]*

*La idea de comparar los montes con gigantes de piedra es muy de los poetas brasileños, y aún sin exageración se puede repetir en estilo pedestre; pues las montañas de **YOrgano**, la del Pan de Azúcar, del Corcovado, y otras muchas que se levantan por donde quiera en torno de la ciudad, despiertan fácilmente en el alma más fría la citada comparación, parecen una legión de colosales diablos fósiles.³*

sabía» (da *Canção do Exílio*), alude Valera em carta de Lisboa (*VEC*, 28/10/1853,0 p. 239).

3. *VEC* (12/8/1852), p. 172; poesia repetida em *VEC*, p. 150.

A imagem dos titanes fulminados, em particular, talvez lhe tenha sido sugerida pela leitura do *Gigante de Pedra* de Gonçalves Dias.⁴

Não faltam na correspondência de Valera outras alusões à literatura brasileira. Remetendo a outro estudo sobre o assunto,⁵ pode-se acrescentar aqui, ainda, este juízo sobre o árcade Dirceu, ou seja, Tomás António Gonzaga:

*Favorecido éste de las musas, e inspirado de Amor, compuso, en elogio de la bella, tan lindos, inocentes y delicados versos, que vivirán siempre en la memoria de cuantos saben la lengua portuguesa.*⁶

O que fica dito basta para percebermos que, já na correspondência remetida à Espanha durante sua permanência no Rio de Janeiro, Valera refletia sobre escritores e obras que, de modo sistemático e com maior serenidade, voltaria a analisar em seu ensaio de 1855. Ensaio que, como se disse, sem ser exclusivamente literário, encontra o cerne no exame da literatura, e especificamente da poesia do Brasil. E é sobretudo neste campo que o trabalho de Valera merece ser tirado do esquecimento. Mais ainda, neste campo há que reconhecer a precedência e a superioridade de sua exposição sobre outras sínteses análogas publicadas na Europa.

De fato, por mais de um título o estudo de Valera se impõe ao estudioso da história da recepção da literatura brasileira. Basta notar que é em seu ensaio de 1855 que se reconhece pela primeira vez na Europa a plena autonomia literária do Brasil. O título desse ensaio, *De la poesía del Brasil*, é por si só pioneiro. Pioneiro, pois quebra a tradição de apresentar as letras brasileiras como simples

4. Veja-se *De la poesía del Brasil* (abreviatura: *PB*), p. 96.

5. *Juan Valera y Brasil: un encuentro pionero*, Sevilla, Quíasyeditorial, 1995 (Col. Perspectiva, 2).

6. *VEC* (9/3/1853), p. 194.

apêndice das de Portugal. A essa tradição ainda se submetera o único europeu que havia tentado esboçar um panorama literário brasileiro. De fato, a obra de Ferdinand Denis – *Résumé de l'his- toire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826) –, tão importante para nossa historiografia literária, ainda mantém em primeiro plano a literatura de Portugal, à qual vincula e pospõe a do Brasil. Mas Valera, que conhecia o texto de Denis, propunha aos leitores europeus o estudo da poesia brasileira, e somente dela.

Outro avanço do ensaio pioneiro, fora do âmbito da língua portuguesa, é a atenção reservada a aspectos particulares da formação da poesia brasileira. Atenção que se volta para a herança cultural dos três grupos étnicos fundamentais do povo brasileiro e para o cotejo dos poetas brasileiros com os hispano-americanos. Perspectivas certamente abertas a Valera pela leitura das obras de Varnhagen e de Pereira da Silva. Mas é sempre bom lembrar que os escritos desses intelectuais brasileiros eram praticamente desconhecidos fora do âmbito da língua portuguesa. Assim, mesmo nos casos em que não é inteiramente original, Valera tem o mérito de divulgar a um público mais vasto o que até então ficara restrito aos leitores brasileiros. Convém, portanto, ressaltar os aspectos da poesia do Brasil aos quais, como se dizia, se dirige a atenção do ensaio de Valera.

O primeiro desses aspectos é a participação dos diversos grupos étnicos à formação da poesia brasileira. A presença do indígena e do negro, longe de ficar esquecida, é vista como contribuição marcante na veia poética do povo brasileiro. E o que dizem estas palavras do ensaio:

Esta predisposición del pueblo brasileño a la poesía y a la música está en todas las razas de que el pueblo brasileño se compone. Los indios de todas las tribus eran y son músicos y poetas. [...] Los negros siguen hoy la propia costumbre de cantar cons-

*tantemente durante el trabajo, y ellos mismos componen los versos rudos y la música monótona que cantan.*⁷

Claro está que Valera não ignora que indígenas e negros sofrem evidentes desvantagens no que se refere à expressão escrita. Desvantagens impostas por circunstâncias adversas e não por menor capacidade de criação artística. Valera o observa, especialmente em relação aos negros, com palavras inequívocas:

*[...] como los negros son esclavos la mayor parte, no aprenden a leer ni a escribir, y sólo oralmente pueden conservar los frutos de su imaginación, por donde es difícil que haya en el Brasil una gran literatura negra, como ya la hay en Haití[...] y como la habrá, Dios mediante, si ya no la hay, en la creciente República de Liberia.*⁸

São mesmo os descendentes de africanos, na apreciação de Valera, os que têm dado ao Brasil os melhores poetas. Basta isto para desfazer qualquer falsa idéia de inferioridade de seu grupo étnico diante dos demais. Leiam-se estas palavras do ensaio:

*[...] no hay duda en que, si no los negros, los mulatos son muy notables poetas en el Brasil, y en que los mejores poetas del Brasil son mulatos. Lo que prueba, a mi ver, que la raza negra es tan buena como la nuestra, salvo la diferencia de color y civilización.*⁹

Além da ênfase dada aos três grupos étnicos na formação da literatura do Brasil, outra perspectiva faz sobressair o ensaio de

7. **PB**, p. 48.

8. **PB**, p. 52.

9. **PB**, p. 52.

Valera. É que, como se disse, em lugar de comparar poetas brasileiros e portugueses, o ensaio prefere comparar a produção poética dos diversos povos ibero-americanos. A capacidade que têm os poetas brasileiros de buscar inspiração na exuberante natureza de seu país é posta em relação com tendência análoga presente nos poetas hispano-americanos. Por isso é que, depois de citar os versos que Gonçalves de Magalhães dedica ao Amazonas, o ensaio acrescenta esta observação:

*Nuestros poetas hispanoamericanos también se han inspirado a veces muy enérgicamente en la hermosura de la Naturaleza de su país natal, y la han descrito en armoniosos y sentidos versos.*¹⁰

Para exemplificar o que afirma, Valera em seguida reproduz alguns versos de Baralt e de Bello, inspirados na natureza americana, além de recordar a visão poética do Niágara que se deve à arte de Heredia.¹¹ Mesmo as diferentes tendências existentes entre os poetas americanos de língua portuguesa ou espanhola chega a ser interpretada, ao menos em um caso, como devida a fatores históricos pré-colombianos, mais que ao desenvolvimento desigual da tradição cultural européia. Diz Valera:

*En el Brasil no hay memoria de que existiese nunca una civilización indígena como la de los incas o la de los aztecas, ni mucho menos de otra civilización más antigua, como la hubo en Méjico antes de la venida de los aztecas, y dan testimonio de ella soberbias y ciclópeas ruinas; pero no faltan tampoco tradiciones brasilicas ni leyendas de que se pueda apoderar la poesía, y de las que en efecto se van ya sirviendo los poetas contemporáneos.*¹²

10. *PB*, p. 40, nota 3.

11. *PB*, p. 40-41, nota 3.

12. *VEC*(8/4/1853), P-198.

São considerações feitas por Valera ao tratar da incorporação da mitologia indígena na obra dos poetas épicos brasileiros. Em sua opinião, porém, a epopéia não seria gênero adequado aos povos americanos, justamente pela relativa proximidade histórica dos fatos que podem inspirar o poeta. Assim seria porque

*los sucesos mismos del descubrimiento y la conquista, conocidos por la Historia hasta en sus más nimios pormenores, no se ajustan bien a la ficción épica, ni llegan a tomar sus gigantescas proporciones. Si Homero hubiese vivido en tiempo de Tucídides, Homero no hubiera escrito la Iliada.*¹³

Note-se, de passagem, reservando à literatura brasileira e às demais literaturas americanas exame autónomo, Valera tampouco incorre no equívoco de isolar essas literaturas do panorama ocidental. Esta citação é apenas uma amostra do que se afirma. Nomes como o de Camões e Petrarca estão presentes em seu ensaio, este último em relação ao verso do Uruguai que ecoa outro, famoso, do poeta italiano.¹⁴ Mas para Valera o inegável valor dos épicos brasileiros do século xviii estaria menos no que essas obras apresentam de «regular», segundo os padrões europeus, do que na novidade das imagens que suscitam:

*En cuanto a los portugueses y modernos brasileños, ya sabemos que escogieron la forma épica para cantar las hazañas y casos americanos, que, contados así, más que poemas parecen crónicas o novelas rimadas, sin negar por eso que encierran mucha poesía, como ahora vamos a ver, aunque más bien esté la poesía en la belleza de las descripciones y en la novedad de los objetos que se describen, que no en los caracteres que trazan, ni en los sucesos que se cuentan.*¹⁵

13.**PB**, p. 64.

14.**PB**, p. 70-72.

15.**PB**, p. 68.

Valera, como se vê por essas palavras, percebe a força que passaria a tomar a prosa, o romance, na literatura brasileira. Quando a *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, procurou mais uma vez fazer da poesia épica o veículo de temas nacionais, surge a célebre polémica na qual sobressai José de Alencar, que logo asseguraria na literatura brasileira o lugar do romance indiano e mesmo do romance em geral. Estava-se em 1856: só um ano se passara desde a publicação do ensaio de Valera e já os acontecimentos se encarregavam de confirmar o acerto da análise que nele fizera.

Mas a esta altura, em lugar de chamar a atenção do leitor para estes e outros aspectos do ensaio, é preferível convidá-lo a passar diretamente às suas páginas. Nele poderá avaliar por si o trabalho de Valera como leitor e divulgador da nascente literatura brasileira. Ao fazer tal convite, resta-nos expressar nossos agradecimentos à *Consejería de Educación* (Embaixada da Espanha) e a todos os que tornaram possível a presente publicação.

Concha PIÑERO VALVERDE
Universidade de São Paulo

BIBLIOGRAFIA

- ARES MONTES, José: «Juan Valera y Os Lusíadas», *Revista de Filología Española*, LVI, janeiro-junho, 1973, p. 53-65.
- AZANA, Manuel: *Ensayos sobre Valera*, ed. de Juan Marichal, Madrid, Alianza Editorial, 1971.
- BARCO, Pablo del: «Novela española de ambientación brasileña: *Genio y figura*, de Juan Valera», *Cuadernos Hispanoamericanos*, n° 388, 1982, p. 191-196. Reed. em *Juan Valera*, ed. de Enrique Rubio Cremades, p. 405-411.
- BERMEJO MARCOS, Manuel: *Don Juan Valera, crítico literário*, Madrid, Gredos, 1968.
- «De las inimitables cartas de Don Juan Valera», in *Serta Philologica F. Lázaro Carreter*, II, Madrid, Cátedra, 1983, p. 31-38. Reed. em *Juan Valera*, ed. de Enrique Rubio Cremades, p. 126-136.
- BESOUCHET, Lúcia: «Um diplomata espanhol na Corte de Pedro II», *O Estado de S. Paulo*, «Cultura», 18/9/1983.
- BRAVO VILLASANTE, Carmen: *Biografía de don Juan Valera*, Barcelona, AEDOS, 1959.
- BRITO BROCA: «OS primeiros escritores estrangeiros que visitaram o Brasil». In *Românticos, Pré-românticos, Ultra-românticos*, São Paulo, Livraria e Editora Polis, 1979, p. 170-315.
- CANO, José Luis: «Don Juan Valera en el Brasil», *Cuadernos Americanos*, CXXX, 1963, p. 279-284.
- DE COSTER, Cyrus C. «Valera y Portugal», *Arbor*, XXXIII, 1956, p. 398-410. Reed. in *Juan Valera*, ed. de Enrique Rubio Cremades, p. 162-175.
- «Valera, Critic of American Literature», *Hispania*, XLIII, 1960, p. 364-367-
- Introducción a la novela *Genio y figura*, Madrid, Cátedra, 2ª ed., 1972.

- FIGUEIREDO, Fidelino de: «A lusophilia de D. Juan Valera», *Revista de História*, Lisboa, XV, n.ºs 57 a 60, 1926, p. 282-294.
- GALERA SÁNCHEZ, Matilde: «Recordando a Valera en Río de Janeiro», *La Opinión*, Cabra, 7/9/1986, p. 12-13.
- GARCÍA MOREJÓN, Julio: «O Brasil de Valera», *O Estado de S. Paulo*, «Cultura», 22/11/1958.
- JIMÉNEZ FRAUD, Alberto: *Juan Valera y la Generación de 1868*, Madrid, Taurus, 1973.
- LANDEIRA YRAGO, José: «El Río de Janeiro que vivió Don Juan Valera», *Revista de Cultura Brasileira*, n.º 31, maio, 1971, p. 101- 103.
- MONTESINOS, José F: *Valera o la ficción libre*, Madrid, Castalia, 1969.
- MORENO ALONSO, Manuel: «Las ilusiones americanas de Don Juan Valera», *Anuario de Estudios Americanos*, XLVI, 1989, p. 519-568.
- PINERO VALVERDE, Concha: *Juan Valera y Brasil: un encuentro pionero*, Sevilla, Quásyeditorial, 1995 (Col. Perspectiva, 2).
- «Adadus Calpe: un español en el Brasil de Pedro II», XXIX Congresso do Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Barcelona, junho, 1992.
- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*, Sao Paulo, Siciliano, 1991.
- RUBIO CREMADES, Enrique (org.). *Juan Valera*, Madrid, Taurus, 1990.
- TORRE, Guillermo de: «Juan Valera», en *Tres conceptos de la literatura hispanoamericana*, Buenos Aires, Losada, 1963, p. 19-34.
- VALERA, Juan. *Obras Completas*, Madrid, Aguilar, 3ª ed., 1958-1961, 3 vols.
- *Genio y figura*, ed. de Cyrus DeCoster, Madrid, Cátedra, 2ª ed., 1972.
- *Juan Valera - Serafín Estébanez-Calderón (1850-1858)*, ed. de Carlos Sáenz de Tejada Benvenuti, Madrid, Moneda y Crédito, 1971.

OBSERVAÇÃO SOBRE O TEXTO DE VALERA

Para a tradução deste ensaio, originalmente publicado em Madri em 1855, seguiu-se o texto do volume II das **Obras Completas** de Juan Valera (Madrid, Aguilar, 3ª ed., 1958-1961, 3 vols.), texto aqui reproduzido sem alterações, apesar das falhas. Na transcrição de textos poéticos citados em português por Valera, conservou-se a grafia adotada na referida edição, com uma ou outra correção. Outros deslizes foram indicados simplesmente com *sic*. As notas constantes deste ensaio são de Valera, salvo poucas, indicadas com a sigla **NT**, que são da tradutora.

De la poesía del Brasil



A Poesia do Brasil



Cuando a bordo de un barco de vapor pierde de vista el viajero que nunca ha estado en América las estériles y desoladas islas de Cabo Verde, y cuando, después de una navegación de ocho o nueve días, llega a atravesar el Atlántico y la línea equinoccial casi al mismo tiempo que descubre otro cielo más diáfano y brillante y más rico de estrellas, descubre asimismo y ve levantarse sobre las ondas azules y serenas de la mar, allá en el claro y bien perfilado horizonte, las costas hermosísimas del Brasil, no cabe duda que siente este viajero en el alma, si la tiene dispuesta y templada a armonizar con la hermosura de la Naturaleza, la más grata emoción que ha sentido en su vida. Le parece que va a rejuvenecerse en el seno de una creación más joven; cree aspirar el aroma delicado de flores desconocidas; imagina escuchar el canto de aves más melodiosas que el ruiseñor y se da a entender que el silbo de las auras y el ruido de las olas son más sonoros y dulces que hasta entonces lo han sido para él. Tiende luego la vista en torno suyo, y ve que una luz más pura dora el ambiente, poniendo en todos los objetos indefinible encanto; y mira la tierra hacia la cual camina, y la ve cubierta de árboles gigantescos de perenne verdura, cuyas hojas, que nunca al parecer se marchitan, cuyas flores y cuyos frutos tienen sabor, olores y matices más vivos y agradables que las hojas, flores y frutos de los otros climas.

Embragado con esto, por poca imaginación que el viajero posea, se extiende y avanza con la imaginación más allá de donde llega con la vista, y olvidándose de lo presente, se figura en lo pasado uno de los descubridores primeros de aquellas vastísimas regiones, y las puebla a su antojo, según lo que tiene leído o averiguado de otro modo cualquiera, no sólo de pájaros de riquísimo y vistoso plumaje, de plantas admirables, de raros cuadrúpedos, de terribles reptiles y mariposas de mil colores y formas, sino que

I

A bordo de um navio a vapor, ao perder de vista as ilhas do Cabo Verde, estéreis e desertas e, após oito ou nove dias de navegação, ao chegar a atravessar o Atlântico e a linha equinocial, o viajante que nunca tenha estado na América descobre outro céu mais diáfano, mais brilhante, mais rico de estrelas. Quase ao mesmo tempo descobre também, a surgir sobre as ondas do mar, serenas e azuis, lá no horizonte claro e bem definido, a belíssima costa do Brasil. Então, sem dúvida, se tiver alma afinada e disposta à harmonia com o belo da natureza, este viajante sente a mais grata emoção que já experimentou na vida. Tem a impressão de que vai rejuvenescer no seio de uma criação mais jovem; acredita estar respirando o aroma delicado de flores desconhecidas; imagina escutar o canto de aves mais melodiosas que o rouxinol e se convence de que o murmúrio das brisas e o marulhar das ondas são para ele mais sonoros e doces do que antes. Depois, estendendo o olhar à sua volta, vê que uma luz mais pura vem dourar o ambiente, dando indefinível encanto a todos os objetos. Olha a terra em que caminha e a vê coberta de árvores gigantescas, de verdor perene, cujas folhas parecem nunca morrer e cujas flores e frutos têm sabor, perfumes e matizes mais vivos e agradáveis que as flores e frutos de outros climas.

Embriagado assim, por pouca imaginação que possua, o viajante se espraia e avança com a imaginação para além de onde alcança a vista, e, esquecido do presente, imagina-se no passado. Vê-se como um dos primeiros descobridores daquelas regiões vastíssimas. E, de acordo com o que tiver lido ou averiguado de uma forma ou de outra, ele a seu gosto as vai povoando não só de pássaros de plumagem opulenta e vistosa, mas ainda de plantas admiráveis, de estranhos quadrúpedes, de terríveis répteis, de borboletas de mil cores e formas. Vai também pondo e distribuindo por

pone allí y coloca, según mejor le viene en voluntad, tribus feroces de hombres selváticos, y los oye hablar en sus propios, diversos e innumerables idiomas, y piensa ya que apenas toque a tierra le saldrán a recibir los tupusambas, los tamoyos y los guaraníes, invocando a Tupán en su ayuda y cantando cánticos guerreros al son confuso y discordante de los maracás, de los inubias y de los espantosos muremurés, instrumentos hechos de osamentas humanas.

Algo de esto, fuerza es confesarlo, les pasó por la mente a los que conmigo venían, cuando por vez primera divisaron la costa brasileña, y ya estaban ideando y trazando la mejor manera de vivir con los salvajes, y de ser otros caramurús y de tener por esposas unas paraguasús hermosísimas, y ya hacían propósito firme de no comer carne humana aunque hubiesen de morir de hambre, resignándose en el último apuro a comer carne de monos y de lagartos, que en Brasil son muy apetecidos y codiciados manjares y delicadísimas golosinas, cuando nos sacó del embeleso y distracción en que estábamos la vistas de las ciudades de Pernambuco y de Olinda, que allí se parecían muy cerca, no ya como tabas o aldeas de salvajes, sino como dos hermosas y modernas poblaciones, la una comercial y universitaria la otra.

Y no creas, lector, que yo me alegre ni que se alegrasen todos mis compañeros de verse al desembarcar, como suele decirse, en tierra de cristianos, porque muchos notaban con dolor la falta de color local, y hubieran deseado ver al menos un par de salvajes, macho y hembra, con su canitar, enduape y arasoya correspondientes, en vez del sombrero, pantalones y enaguas que por aquí se usan y que allí encontramos en uso casi enteramente como por aquí. Porque verdaderamente es cosa muy dura andar toda la vida o la mejor parte de ella peregrinando por esos mundos y pasando malos días y peores noches para no poder, de vuelta a la patria, contar nada de nuevo ni de curioso a los amigos. Todo está ya sabido y resabido, contado y recontado, y no hay hombre, por ruin que sea, del que no se pueda decir como de Ulises:

ali, segundo lhe aprouver, tribos ferozes de homens selvagens, ouvindo-os falar em seus idiomas próprios, diversos e inumeráveis, e já vai pensando que tão logo toque a terra, sairão a recebê-lo tupinambás, tamoiós e guaranis, invocando a ajuda de Tupã e cantando cantos guerreiros ao som confuso e desafinado de maracas, inúbias e de espantosos muremurés, instrumentos feitos de ossada humana.

Algo assim, é preciso confessá-lo, passou pela mente dos que viajaram comigo, ao divisarem pela primeira vez a costa brasílica. E já se punham a imaginar e traçar a melhor maneira de viver com os selvagens, de ser outros caramurus, de tomar por esposas algumas paraguaças formosíssimas, fazendo já firme propósito de não comer carne humana ainda que estivessem a morrer de fome, e de resignar-se, em último caso, a comer carne de macacos e lagartos, que no Brasil são manjares apetecidos e cobiçados, iguarias refinadíssimas. Então, porém, fomos tirados desse nosso devaneio embevecido ao vermos as cidades de Pernambuco e de Olinda, que já pareciam muito próximas e que não se mostravam como tabas ou aldeias de selvagens, e sim como dois povoados formosos e modernos, um comercial, outro universitário.

E não creias, leitor, que me alegrei, nem que se alegrassem meus companheiros todos ao se verem desembarcar, como se costuma dizer, em terra de cristãos, pois muitos notaram com pesar a falta de cor local, e teriam gostado de ver ao menos um par de selvagens, macho e fêmea, com seus respectivos canitar, enduape e araçãoia, em lugar de ver os chapéus, calças e anáguas que entre nós se usam e que lá encontramos quase tão em uso quanto aqui. Porque, na verdade, é coisa muito dura andar a vida toda, ou a melhor parte dela, peregrinando por estes mundos, passando maus dias e piores noites, para voltar à pátria sem poder contar aos amigos nada de novo ou de curioso. Tudo já está sabido e ressabido, contado e recontado, e não há homem, por mau que seja, de quem não se possa dizer como de Ulisses:

πολλών οάνόρωπω ιόεν άστεα, καί υόν εγνω.

Ello es que nosotros nos afligimos y desilusionamos como el viajero francés que viene a España se desilusiona y aflige si no ve a las señoritas bailar el fandango, fumar el cigarrillo, sacar el puñal de la liga y plantarle un chirlo en la cara al lucero del alba. Los unos por exceso de imaginación y los otros por exceso de ignorancia, todos esperan ver algo más nuevo y extraordinario de lo que ven cuando viajan, y no quieren o no pueden persuadirse de que al fin y al cabo todo el mundo es uno, hasta que por una reacción natural, aunque exagerada, vienen a caer, como caímos nosotros, en el extremo contrario de verlo todo idéntico, sin notar la multiforme variedad con que la Naturaleza diversifica sus obras.

Por fortuna, venía a bordo con nosotros un sabio español de los pocos que hay ahora, el cual no había dejado rincón de la tierra por visitar, ni ciencia por aprender, ni cosa creada por ver y por examinar en el mundo; y este sabio no sólo explicó que el mundo es uno y vario y que por eso se llama *Universo*, sino que nos hizo notar y considerar la diversidad de las cosas y muy singularmente la de las cosas brasílicas; y nos habló de pájaros y de cuadrúpedos americanos, mejor que pudiera hacerlo el mismo Azara, y de plantas y de flores de América, tan bien como pudieran Hernández Pavón o Ruiz.¹ El que nos contó, entre otros prodigios, el de la

1. Este sabio de que aquí vamos hablando, y cuyo nombre se calla ahora por ciertos respetos, es un gran *biólogo* y no menor *funifantasmagórico*. Cuando tengamos ocasión, humor y más estudios daremos una idea exacta de lo que es la *biología* y la *funifantasmagórica*. Baste saber, por lo pronto, que son dos ciencias, o, si se quiere, dos artes nuevas, inventadas en Alemania y en los Estados Unidos. La *biología* es la perfección del magnetismo, y por medio de ella se hacen ver a los biologizados despiertos más portentosos que ven dormidos los magnetizados. En cuanto a la *funifantasmagórica* sólo sé decir en pocas palabras que es un descubrimiento sibarítico, más eficaz que el opio y que el hachich para gozar todo lo que se quiere, ahorcándose en una horca de nueva invención, que no acaba nunca de matar, y tomando, antes de ahorcarse, unos

πολλών ὀάνόρώπῳ ἴόν ἄστεα, καί υόν ἔγνῳ.

É que nos afligimos e decepcionamos como o viajante francês que, chegando à Espanha, se decepciona e aflige por não ver sen- horitas dançando fandango, fumando cigarros e tirando da liga um punhal para marcar com uma cicatriz a cara de qualquer um. Alguns por excesso de imaginação, outros por excesso de ignorância, todos quantos viajam esperam ver algo mais novo e extraordinário do que o que estão vendo, e não querem, ou não podem, persuadir-se de que afinal de contas todo o mundo é mundo. Até que uma reação natural, embora exagerada, os faz cair, como caímos nós, no extremo oposto de enxergar tudo idêntico, sem notar a multiforme variedade com que a Natureza diversifica suas obras.

Por sorte, vinha conosco a bordo um sábio espanhol, dos poucos que agora existem, homem que não deixara um só canto da terra por visitar, nem ciência por aprender, ou coisa criada por ver e examinar neste mundo. Este sábio não só explicou que o mundo é um e vário, e que por isso se chama *Universo*, mas nos fez notar e considerar a diversidade das coisas e muito particularmente das coisas brasileiras. Falou-nos de pássaros e quadrúpedes americanos, melhor do que o teria feito Azara em pessoa, de plantas e flores da América, tão bem quanto Hernández Pavón ou Ruiz poderiam tê- lo feito.¹ Entre outros prodígios, ele nos contou o da reprodução

1. O sábio de quem aqui vamos falando, e cujo nome agora por certos respeitos se cala, é um grande biólogo e não menor funifantasmagórico. Quando tivermos ocasião, humor e mais estudos, daremos idéia exata do que sejam sua biologia e sua funifantasmagórica. Basta, por ora, saber que são duas ciências, ou se quisermos, duas novas artes, inventadas na Alemanha e nos Estados Unidos. A biologia é a perfeição do magnetismo, c por meio dela se mostram aos biologizados despertos mais portentos que os que os magnetizados vêem adormecidos. Quanto à *funifantasmagórica*, só posso dizer, em poucas palavras, que é uma descoberta sibirítica mais eficaz que o ópio e o haxixe para gozar tudo o que se quiser, enforcando-se numa força de nova invenção, que nunca chega a matar, e tomando, antes de se enforcar, uns elixires, que variam

reproducción de cierta planta llamada *herba de fortuna*, de la cual no hay más que esparcir en un cuarto algunas hojas por el suelo, cerrar luego el cuarto y volver al cabo de unos pocos días para hallarle transformado en un bosque impenetrable. Nos habló igualmente de una flor que tiene la mismísima figura de un ángel con las alas desplegadas y tocando la trompeta; y de la curiosa propiedad y apacible condición de la culebra de cascabel que no muerde sino cuando le duelen las muelas, y esto por libertarse del dolor, que a no ser así no mordería; y nos refirió, por último, otras historias dignas de ser apuntadas y añadidas entre las que apuntó y escribió el famosísimo padre Valdecebro.

Con esto nos fuimos ya persuadiendo de que la tierra del Brasil era por demás prodigiosa y nueva; y más aún nos confirmamos en esta creencia cuando oímos hablar y discurrir a uno que con nosotros venía, y cuyo nombre y gloria supimos todos con agradable sorpresa. Era el célebre conde de Castelnau que, por espacio de cinco o seis años, había viajado por lo interior del Brasil y volvía entonces de Francia, donde acababa de publicar la larga relación de su viaje. El Gobierno francés había dado al conde de Castelnau, en premio de sus servicios a la ciencia, el consulado de Bahía, y el conde pasaba a la sazón a aquella ciudad a tomar posesión de su destino.

Repetir aquí lo que él nos contó de maravilloso, sería prolijo y superfluo, puesto que sus obras están ahí que cualquiera las puede consultar; y aun por añadidura puede darse al estudio de las de aquellos dos grandes naturalistas alemanes, Spix y Martins, que apenas han dejado ya en el Brasil macaco ni murciélago vampiro

elixires, que varían en la sustancia y en el nombre, según lo que se quiere ver y gozar durante la susodicha *funicular* suspensión. Estos elixires se llaman ya *satánicos*, ya *místicoangelicales*, ya *heroicoafrodisiacos*. La horca se llama la *funi-fantasmagórica*, debiendo advertir que los principiantes y novicios se sirven para ahorcarse de cordones de seda; los que ya están acostumbrados y tienen encallecido el pescuezo, usan buenas sogas de cáñamo y aun de esparto.

de certa planta, chamada erva-da-fortuna, da qual basta espalhar algumas folhas no chão de um aposento e depois fechá-lo, para, voltando ao cabo de alguns dias, achá-lo transformado em bosque impenetrável. Falou-nos igualmente de uma flor que tem a mesmíssima figura de um anjo com as asas abertas e a tocar trombeta, e da curiosa propriedade e aprazível condição da cobra cascavel, que não pica senão quando tem dor de dentes, e isso para se livrar da dor, pois do contrário não picaria; e nos referiu, enfim, outras histórias dignas de ser anotadas e acrescentadas às que anotou e escreveu o famosíssimo padre Valdecebro.

Com isso, já nos fomos convencendo de que a terra do Brasil era por demais prodigiosa e nova. E ainda mais nos confirmamos nessa crença ao ouvir falar e discorrer alguém que viajava conosco e cujo nome e glória todos viemos a conhecer com agradável surpresa. Era o célebre conde de Castelnau que, por espaço de cinco ou seis anos, havia viajado pelo interior do Brasil e voltava então da França, onde acabara de publicar a larga relação de sua viagem. O governo francês havia dado ao conde de Castelnau, em prêmio de seus serviços à ciência, o consulado da Bahia, e o conde se dirigia àquela cidade, a tomar posse de seu encargo.

Repetir aqui o que ele nos contou de maravilhoso seria prolixo e supérfluo, posto que suas obras aí estão e que qualquer um as pode consultar, e ainda por acréscimo pode entregar-se ao estudo das obras daqueles dois grandes naturalistas alemães, Spix e Martius, que mal deixaram no Brasil macaco ou morcego-vampiro

na substância e nome, conforme o que se queira ver e gozar na dita suspensão *funicular*. Tais elixires ora se chamam *satânicos*, ora *místico-angélicos*, ora *heróico-afrodisíacos*. A força se chama *funifantasmagórica*, devendo-se advertir que os principiantes e noviços se servem, para enforçar-se, de cordões de seda. Os que já estão acostumados e têm pescoco calejado, usam boas cordas de cânhamo e até de esparto. [NT: Trata-se aqui de Antônio Deodoro de Pascual, conhecido pelo pseudônimo de Adadus Calpe. Sobre esta figura v. nossos estudos, citados na bibliografia].

que no hayan sacado a la vergüenza; ni pájaro ni serpiente que no lo hayan disecado; ni planta que no hayan descrito, dando a conocer a los amigos de la ciencia la flora y la fauna de aquel extensísimo imperio. Mas, a pesar de los trabajos que estos sabios peregrinos y de los que han hecho algunos sabios del país, queda aún mucho por explorar y conocer, de lo cual se originan mil fábulas y exageraciones que, si bien son perjudiciales a la ciencia, todavía se prestan soberanamente y dan pábulo a la poesía.

Dígalo, si no, la descripción del valle de las Amazonas, que, para despertar la codicia de sus compatriotas, ha hecho el angloamericano Manry.² En este valle, verdadero Eldorado, el polvo res-

2. *The Amazon and the atlantic slopes of South-America*, por N. K. Manry. Washington, 1853. Enrique Lister Maw y otros viajeros cuentan también maravillas del Amazonas y de sus costas. Domingo José Gonçalvez de Magalhães describe de este modo la entrada del gran río en el Atlántico:

*Pujante assim Atlantico se entranha,
ante si repelindo o argento salso
como se elle na terra não coubera,
o como de inunda-la receioso
se mais longo e mais lento discorresse.
O Amazonas co' o Oceano furioso
luta renhida trava interminavel
para roubar-lhe o leito, e ronca, e espuma,
qual no lago co'a cauda atada a un ramo
feroz sucurijuba horrida ronca
quando sente mover-se em cima a lontra,
e inchando as fauces, a cabeça eleva,
os queixos escancara, e a lingua solta
para d' uma sé vez tragar o amphibio;
tal no pleito colo Oceano o Amazonas
para sorve-lo a larga foz medonha
leguas abre setenta, a ingente lingua
estendendo cem vezes nove milhas.
Como uma longa spada que se embebe
a travez do Atlantico iracundo,*

sem expor à vergonha, ou pássaro e serpente sem dissecar, ou ainda planta sem descrever, dando a conhecer aos amigos da ciência a flora e fauna daquele extensíssimo Império. Mas, apesar dos trabalhos destes sábios peregrinos e dos que fizeram alguns sábios do país, muito ainda fica por explorar e conhecer, e disso se originam mil fábulas e exageros que, embora prejudiciais à ciência, prestam-se, contudo, soberanamente à poesia e lhe dão alimento.

Se não, diga-o a descrição do vale das Amazonas que, para despertar a cobiça de seus compatriotas, fez o anglo-americano Manry.² Nesse vale, verdadeiro Eldorado, o pó resplandece em

2. *The Amazon and the atlantic slopes of South America*, por N. K. Manry. Washington, 1853. Enrique Lister Maw e outros viajantes contam também maravilhas do Amazonas e de suas costas. Domingos José Gonçalves de Magalhães descreve deste modo a entrada do grande rio no Atlântico:

*Pujante assim Atlantico se entranha,
ante si repelindo o argento salso
como se elle na terra não coubera,
o como de inunda-la receioso
se mais longo e mais lento discorresse.
O Amazonas co' o Oceano furioso
luta renhida trava interminavel
para roubar-lhe o leito, e ronca, e espuma,
qual no lago co' a cauda atada a um ramo
feroz sucurijuba hórrida ronca
quando sente mover-se em cima a lontra,
e inchando as fauces, a cabeça eleva,
os queixos escancára, e a lingua solta
para d'uma só vez tragar o amphibio;
tal no pleito coio Oceano o Amazonas
para sorve-lo a larga foz medonha
leguas abre setenta, a ingente lingua
estendendo cem vezes nove milhas.
Como uma longa spada que se embebe
a travez do Atlantico iracundo,
que gemendo recua no arremesso,
e, em montes alquebrando, o dorso enruga:*

plandece en oro y piedras preciosas; el aire se llena de armonía por el canto de las aves que de sus matizadas y brillantes plumas le adornan y hermocean; el clima es templado y salubre, y sereno el cielo. Los hombres pueden vivir allí más luenga y dichosa vida que en otros países; y no hay flor delicada, ni simiente nutritiva, ni hierba aromática o medicinal, ni fruto sabroso, que no dé o pueda dar aquel suelo de bendición; todo mejorado en abundancia, y hermosura. Allí la primavera es inmortal; donde una planta se marchita, aparece una nueva planta; donde una flor se seca, nace otra enseguida. El algodón, el cacao, el añil y el copal crecen allí sin cultivo. El arroz da cuarenta por uno en cualquier terreno, y cada cinco meses una cosecha; y los demás granos cada tres meses se siegan y se siembran de nuevo, para recogerlos tres meses después.

No hay que decir que los ríos son grandes como la mar, y que por el Amazonas se puede navegar en barco de vapor hasta Jaén, sin que abra el arte el camino; y que por los afluentes del Amazonas se puede penetrar de la misma manera en Bolivia y en Colombia; y hasta que subiendo por el Madera y pasando por un canal que, según aseguran, ha abierto la Naturaleza, se puede entrar en el río Paraguay, bajar por él al Panamá [sic] y salir al mar, después de haber hecho una portentosa navegación mediterránea desde el Pará hasta Buenos Aires. Todo lo cual, por lo mismo que

*que gemendo recua no arremesso,
e, em montes alquebrando, o dorso enruga:
armas que arroja ao mar são grossos troncos
arrancando na juria: são pedaços
de esboroadas montanhas que elle mina:
seus gritos são trovões tão horrorosos,
que parece que ali baqueia o mundo;
equorea, espessa nuvem se levanta,
como uma chuva contra o céu erguida,
reflectindo do sol doridos raios.*

ouro e pedras preciosas, o ar se enche de harmonia com o canto das aves que o adornam e aformoseiam com brilhantes e variegadas penas; o clima é temperado e salubre, o céu sereno. Os homens podem lá viver vida mais longa e ditosa que em outros países e não há flor delicada, semente nutritiva, erva aromática e medicinal, ou fruta saborosa que não dê ou possa dar aquele chão abençoado, onde tudo vem melhorado pela abundância e beleza. Lá é imortal a primavera; ao murchar uma planta, outra nova aparece; onde uma flor se resseca, outra já nasce. Algodão, cacau, anil e copal crescem lá sem cultivo. O arroz dá quarenta por um em qualquer solo, e uma colheita a cada cinco meses. Outros grãos são ceifados a cada três meses, quando se volta a semeá-los, para os colher três meses mais tarde.

Não há que dizer que os rios são tão grandes quanto o mar, e que pelo Amazonas se pode navegar de barco a vapor até Jaén [*sic*], sem que o caminho esteja aberto artificialmente. E que pelos afluentes do Amazonas igualmente se pode penetrar na Bolívia e Colômbia; e até mesmo, subindo o Madeira e passando por um canal que, asseguram, foi a Natureza que abriu, pode-se entrar no rio Paraguai, descer por ele ao Panamá [*sic*] e sair ao mar, depois de haver feito uma portentosa navegação mediterrânea do Pará a Buenos Aires. Tudo isso, pelo fato mesmo de não ter sido realizado (pois não se anda em barco a vapor senão, quando muito, até Nanta [*sic*], oitenta léguas adentro no interior do Brasil) e pelo fato mesmo de ser duvidoso que venha a se realizar por ora, con-

*armas que arroja ao mar são grossos troncos
arrancando na furia: são pedaços
de esboroadas montanhas que elle mina:
seus gritos são trovões tão horrorosos,
que parece que ali baqueia o mundo;
equorea, espessa nuvem se levanta,
como uma chuva contra o céu erguida,
reflectindo do sol doridos raios.*

no se ha realizado (pues no se ve en barco de vapor, y ya es mucho, sino hasta Nanta, ochenta leguas en lo interior de Brasil), y por lo mismo que es dudoso que por lo pronto se realice, concurre con las pompas de aquella Naturaleza virgen a acalorar la imaginación de los brasileños y a predisponerlos notablemente para la poesía.³

3. Nuestros poetas hispanoamericanos también se han inspirado a veces muy enérgicamente en la hermosura de la Naturaleza de su país natal, y la han descrito en armoniosos y sentidos versos. ¿Quién no conoce estas estrofas de la oda a Colón del señor Baralt?:

Allí fieros volcanes,
émulo al ancho mar lago sonoro,
tormentas, huracanes:
son árboles y piedras un tesoro,
los montes plata, las arenas oro.
Allí raudo, espumoso,
rey de los otros ríos, se desata
Marañón caudaloso
en crespas ondas de luciente plata
y en el seno de Atlante se dilata.

En la colección titulada *América poética*, que se publicó en Valparaíso el año de 1846, hay en este género composiciones muy dignas de alabanza; siendo, en mi entender, las mejores, el canto al Niágara, de Heredia; los dos fragmentos «A las nubes» y «A la región intertropical» del poema *El peregrino de mármol*, y, más que nada, por su notable corrección, primor y delicadeza, el poemita de Bello *A la agricultura de la zona tórrida*. No podemos menos de citar estos versos, que guardamos en la memoria:

Tú das la caña hermosa
de do la miel se acendra,
por quien desprecia el mundo de los panales;
tú en urnas de coral cuajas la almendra
que la espumosa jícara rebosa;
bulle carmín viviente en tus nopales,
que afrenta fuera al múrice de Tiro;

corre com as pompas daquela Natureza virgem para aquecer a imaginação dos brasileiros e para predispor-los naturalmente à poesia.³

-
3. Nossos poetas hispano-americanos às vezes também se têm inspirado muito energicamente na formosura da natureza de sua terra natal, e a têm descrito em harmoniosos e sentidos versos. Quem no conhece estas estrofes da ode a Colombo do senhor Baralt?:

*Allí fieros volcanes,
émulo al ancho mar lago sonoro,
tormentas, huracanes:
son árboles y piedras un tesoro,
los montes plata, las arenas oro.
Allí raudo, espumoso,
rey de los otros ríos, se desata
Marañón caudaloso
en crespas ondas de luciente plata
y en el seno de Atlante se dilata.*

Na coleção intitulada *América poética*, publicada em Valparaíso no ano de 1846, há nesse gênero composições muito dignas de louvor. Em meu entender, as melhores são o canto ao Niágara de Heredia; os dois fragmentos «A las nubes» e a «A la región intertropical» do poema *El peregrino de mármol* e, sobretudo, pela notável correção, primor e delicadeza, o poemeto de Bello «A la agricultura de la zona tórrida». Não podemos deixar de citar esses versos, que guardamos na memória:

*Tú das la caña hermosa
de do la miel se acendra,
por quien desprecia el mundo los panales;
tú en urnas de coral cuajas la almendra
que en la espumosa jicara rebosa;
bulle camín viviente en tus nopales,
que afrenta fuera al múrice de Tiro;
y de tu añil la tinta generosa
émula es de la lumbre del zafiro.*

Nosotros estábamos ya entusiasmados sólo de oírlo contar a bordo, mientras íbamos caminando hacia Bahía, después de salir de Pernambuco, donde apenas habíamos visto más que la ciudad. En Bahía vimos poco más que en Pernambuco; y prosiguiendo nuestro viaje, llegamos, al cabo, a Río de Janeiro, populosa capital del Brasil, emporio de la América del Sur, encantado paraíso y agradabilísima morada, donde he pasado dos años sin visitar más que los alrededores de la ciudad, y desde donde me he vuelto a Europa sin poder contar a nadie, sino de oídas, las magnificencias que atesora el Brasil en su centro. No he visitado ni la catarata de Paulo-Alfonso en el río de San Francisco, ni el lago de las perlas, ni el distrito de los diamantes; no he bebido la leche del *palo de leche*, que es mejor que la de vacas, ni el vino de *palo de borracho*, que es mejor que todos los demás vinos; y si bien no me he expuesto a la mordedura mortal de la serpiente surucuccú, ni a caer entre las garras de los tigres, tampoco puedo contar, como cuentan mil viajeros modernos, cosas más estupendas que las que vieron y notaron Fernán Méndez-Pinto y Simbad el marino.

y de tu añil la tinta generosa
émula es de la lumbre del zafiro.
El vino es tuyo que la herida agave
para los hijos vierte
del Anahuac feliz, y la hoja es tuya
que, cuando de suave
humo en espiras vagarosas huya,
solazará el fastidio al ocio inerte.
Tú vistes de jazmines el arbusto sabeo,
y el perfume le das que en los festines
la fiebre insana templará a Lieo.
Para tus hijos la procerca palma
su vario fruto cría;
el ananás sazona su ambrosía,
y el algodón despliega al aura leve
sus rosas de oro y su vellón de nieve.

Nós já estávamos entusiasmados só de ouvir contar isso a bordo, enquanto íamos para a Bahia, depois de sair de Pernambuco, onde mal havíamos visto a cidade. Na Bahia vimos pouco mais que em Pernambuco; e, prosseguindo viagem, chegamos afinal ao Rio de Janeiro, populosa capital do Brasil, empório da América do Sul, paraíso encantado e morada agradabilíssima. Ali passei dois anos sem visitar mais que os arredores da cidade e dali voltei à Europa, sem poder contar a ninguém, senão por ouvir dizer, as magnificências que entesoura o Brasil em seu interior. Não visitei nem a catarata de Paulo Afonso, no rio São Francisco, nem o lago das pérolas, nem o distrito dos diamantes; não bebi o leite do *pau-de-leite* que é melhor que o das vacas, nem o vinho do *pau-de-bêbado*, que é melhor que todos os outros vinhos, e ainda que não me tenha exposto à picada mortal da cobra surucucu, nem a cair nas garras das onças, também não posso contar, como contam mil viajantes modernos, coisas mais estupendas que as que viram e anotaram Fernão Mendes Pinto e Simbá, o marujo.

O que notei e vi, sim, com meus olhos foi um Império crescente, que se ergue e floresce sob o cetro de um sábio imperador e

*El vino es tuyo que la herida agave
para los hijos vierte
del Anahuac feliz, y la hoja es tuya
que, cuando de suave
humo en espiras vagarosas huya,
solazará el fastidio al ocio inerte.
Tú vistes de jazmines
el arbusto sabeo,
y el perfume le das que en los festines
la fiebre insana templará a Lleo.
Para tus hijos la procera palma
su vario fruto cría;
el ananás sazona su ambrosia,
y el algodón despliega al aura leve
sus rosas de oro y su vellón de nieve.*

Lo que sí he notado y visto con mis propios ojos es un Imperio naciente, que se levanta y florece bajo el cetro de un sabio emperador y a la sombra de un Gobierno libre y bien ordenado. En este imperio no hay esa agitación febril, ese rápido desarrollo, ese espíritu emprendedor hasta lo sumo, y esa sed de conquistas y de mayor engrandecimiento que en los Estados Unidos observamos con admiración y recelo. En el Brasil, ya sea por la benignidad del clima, ya por el suave natural de la gente que le habita, o ya por ambas causas, se camina más lentamente hacia esa perfección material que ahora se tiene por el bien supremo y por el último término a donde ponen la mira los pueblos civilizados. Acaso los inconvenientes para acercarse a este último término sean mayores en el Brasil que en los Estados Unidos; acaso se tropiece en mil obstáculos al querer enderezar hacia el Brasil la gran corriente de emigración que ahora se dirige a la Australia y a las Californias. El Brasil ha llegado más tarde y debe resolver problemas que los Estados Unidos han resuelto o que por una casualidad dichosa no han tenido que resolver nunca.

En el Brasil faltan brazos, y es difícilísimo atraer colonos. Mientras tanto, la población esclava, prohibido ya completamente el tráfico de negros, no puede aumentarse con los que antes venían de África de continuo y va disminuyendo cada día; y la población india se disminuye también, o no se reduce a la vida social. Numerosas tribus de indios salvajes vagan aún por las soledades de aquellos bosques de lo interior, y campos fecundísimos y extensos están sin cultivo alguno, aun cerca de las grandes ciudades. Y, sin embargo, la riqueza y prosperidad del Imperio son muy grandes. El Gobierno representativo existe allí sin perturbación alguna y más solidamente plantado que en cualquier otro país, si se exceptúa a Inglaterra; y la Hacienda pública está tan bien administrada, que con los 32.000 contos de reis (de 16 a 17 millones de duros) que recaudan anualmente, se cubren todas las atenciones del Estado, se subvencionan Compañías de barcos de vapor que ponen en comunicación todos los puertos del Imperio; se protegen grandes

à sombra de um governo livre e bem organizado. Nesse império não há a agitação febril, o desenvolvimento rápido, o espírito ao extremo empreendedor, a sede de conquistas e de maior engrandecimento que nos Estados Unidos observamos com admiração e receio. No Brasil, seja pela benevolência do clima, seja pela natureza suave do povo que o habita, seja por ambas as causas, caminha-se mais lentamente para essa perfeição material que agora é tida como o bem supremo e o último intento aonde põem a mira os povos civilizados. Talvez os inconvenientes de se aproximar desse último intento sejam maiores no Brasil que nos Estados Unidos; talvez se tropece em mil obstáculos ao querer endereçar para o Brasil a grande corrente de emigração que agora se dirige à Austrália e às Califórnia. O Brasil chegou mais tarde e teve de resolver problemas que os Estados Unidos já resolveram ou que, por feliz acaso, nunca tiveram de resolver.

No Brasil faltam braços e é difícilimo atrair colonos. Entrementes, a população escrava, estando já completamente proibido o tráfico de negros, não pode aumentar com os que antes vinham continuamente da África, e vai diminuindo dia a dia. A população índia decresce também, ou não se adapta à vida social. Numerosas tribos de índios selvagens ainda vagam pelos sertões das matas do interior, e campos fecundíssimos e extensos estão sem cultivo algum, até mesmo perto das grandes cidades. E, apesar disso, a riqueza e prosperidade do Império são muito grandes. O governo representativo lá subsiste sem perturbação alguma, e mais solidamente plantado que em qualquer outro país, com exceção da Inglaterra. A Fazenda Pública está tão bem administrada que com os 32.000 contos de réis que anualmente se arrecadam (de 16 a 17 milhões de *duros*), cobrem-se todas as necessidades do Estado, subvencionam-se companhias de navegação a vapor que põem em comunicação todos os portos do Império; protegem-se grandes empresas ferroviárias e se dão subsídios às repúblicas vizinhas, estendendo assim o Brasil seu predomínio e influência. Longe de haver déficit, fica uma sobra de 2.000 contos por ano. A cada dia

Empresas de ferrocarriles y se dan subsidios a las vecinas repúblicas, extendiendo así el Brasil su predominio e influencia. Lejos de haber déficit, resulta un sobrante de **2.000** contos al año. Cada día se hacen en el Brasil notables mejoras en todos los ramos de administración; y cada día el comercio y la riqueza pública se aumentan. Mas no se puede decir, con todo, que el pueblo brasileño sea notable como pueblo mercantil e industrial.

El pueblo brasileño, maravillosamente dispuesto a admirar todo lo bello y lo sublime; alegre, festivo y apasionado; amigo de los placeres del espíritu; sensible a la hermosura de aquella rica Naturaleza que le rodea y recibiendo de ella inspiraciones, es un pueblo artista y muy singularmente enamorado de la música y de la poesía, artes en que vence y sobrepuja a todos los otros pueblos americanos.

se fazem no Brasil notáveis melhoras em todos os ramos da administração, e a cada dia aumentam o comércio e a riqueza pública. Não se pode dizer, contudo, que o povo brasileiro seja notável como povo mercantil ou industrial.

O povo brasileiro, maravilhosamente disposto a admirar tudo quanto é belo e sublime; alegre, festivo e apaixonado; amigo dos prazeres do espírito; sensível à beleza daquela natureza rica que o rodeia e dela recebendo inspirações, é povo artista e muito particularmente enamorado da música e da poesia, artes em que vence e sobrepuja a todos os outros povos americanos.

Esta predisposición del pueblo brasileño a la poesía y a la música está en todas las razas de que el pueblo brasileño se compone. Los indios de todas las tribus eran y son músicos y poetas. Los jesuítas vencían la aversión de los indios al trabajo y su amor a la independencia, enseñándoles la música y haciéndoles cantar mientras que trabajaban. Los negros siguen hoy la propia costumbre de cantar constantemente durante el trabajo, y ellos mismos componen los versos rudos y la música monótona que cantan. Por las calles de Río de Janeiro no se oyen de continuo sino músicas.

Todas las damas cantan, más o menos bien, y es un desatino el que tienen por estar siempre cantando. Las canciones populares del país se llaman *modinhas y londuns*, y las hay graciosas y delicadas por todo extremo. Un músico español, llamado el señor Amat, se ha hecho famoso en el Brasil componiendo *modinhas* nuevas, aunque nunca ha logrado darles el primor y la gracia de las más antiguas.

Los compositores del Brasil no son, con todo, muy notables hasta ahora; mas, con la afición y el ingenio que tienen, se ha de esperar que andando el tiempo alcanzarán la gloria de los grandes maestros de Italia y de Alemania. Entre tanto, se canta tan sin tregua y tan desaforadamente, que es menester ser gran devoto de la música para no hartarse. Verdad es (y también fortuna) que, al cabo de estar dos o tres meses en el Brasil, le acontece a uno con la música que allí se canta lo que, al decir de los antiguos sabios, nos acontece a todos con la música de las esferas, porque a fuerza de oírla y de estar embebidos y empapados en ella, llegamos a no poder oírla aunque queramos, a no ser que con maravilloso recogimiento y atención fija, y abstracción de los sentidos y de las potencias del alma de todo lo demás que hay en el mundo, nos pongamos a escuchar la susodicha música. Y aun así no todos la oyen.

Esta predisposição do povo brasileiro à poesia e a música está em todas as raças de que o povo brasileiro se compõe. Os índios de todas as tribos eram e são músicos e poetas. Os jesuítas venciam a aversão dos índios ao trabalho e seu amor à independência ensinando-lhes música e fazendo-os cantar enquanto trabalhavam. Os negros conservam hoje o costume próprio de cantar constantemente durante o trabalho, e eles mesmos compõem os versos rudes e a música monótona que cantam. Pelas ruas do Rio de Janeiro não se ouvem constantemente senão músicas.

Todas as damas cantam mais ou menos bem, e é um desatino isso que têm de estar sempre cantando. As canções populares do país se chamam *modinhas* e *londuns*, e há algumas extremamente graciosas e delicadas. Um músico espanhol, chamado senhor Amat, tornou-se famoso no Brasil compondo *modinhas* novas, embora nunca tenha alcançado dar-lhes o primor e a graça das mais antigas. *

Os compositores do Brasil, contudo, não são até agora muito notáveis; mas com a afeição e engenho que têm, é de esperar que com o passar do tempo cheguem a alcançar a glória dos grandes mestres da Itália e Alemanha. Entrementes, canta-se sem trégua e tão descomedidamente que é preciso ser grande devoto da música para não enjoar. É verdade (e sorte, também) que, ao cabo de dois ou três meses passados no Brasil, acontece à gente, com a música que lá se canta, aquilo que, no dizer dos antigos sábios, nos acontece a todos com a música das esferas, porque à força de ouvi-la e

* N. T. José Amat, compositor espanhol radicado no Brasil e autor de *modinhas* famosas no século XIX, algumas das quais baseadas em versos de Gonçalves Dias. Foi diretor da Ópera Nacional do Rio de Janeiro

La afición a la poesía no es menos grande entre los brasileños. No hay muchacho que a los quince años no escriba ya sonetos y letrillas, y no hay nacimiento, ni casamiento, ni defunción, que no se celebre con media docena de epitalamios, horóscopos, epitafios y *nenias*, en diferente clase de metro y por los más variados estilos. Estas composiciones de circunstancias se publican en los periódicos como entre nosotros los anuncios, pagando cierta cantidad por publicarlos; y periódicos hay que ganan mucho con la tal industria, y que dan a luz cada semana las suficientes coplas para formar un grueso volumen. Todas las señoritas tienen álbum en el Brasil, y en el álbum tienen en verso, si son medianamente hermosas, todo el fuego y todas las dulzuras que Erato puede inspirar bajo el sol de los trópicos. Estas poesías suelen ser más malas que buenas, pero se nota hasta en las más desañiladas cierta ingenuidad de pasión y cierta candidez que enamoran, al par que se descubre en muchas lo castizo y puro del lenguaje, que los brasileños pretenden conservar mejor que los portugueses. Mas no por eso los brasileños han dejado de enriquecer la lengua que llaman nacional por no llamarla portuguesa, y que ya era riquísima, con infinito número de palabras nuevas, tomadas de los dialectos americanos, y aunque no me atrevo a afirmar que hayan añadido también palabras de las lenguas de la costa de Africa, acaso de la lengua *buuda* y de la lengua del Congo, que son las más perfectas que hablan los negros, todavía se puede sospechar que algunas palabras habrán tomado de ellas. Sin embargo, en el corte y giro de la frase conservan la forma y manera de los antiguos clásicos portugueses, y ni en los periódicos, ni en los discursos parlamentarios, ni en los pocos libros en prosa que hasta ahora se han escrito en Brasil, se notan tantos galicismos como en los nuestros.

Pero donde verdaderamente se admiran, no sólo el primor y riqueza del lenguaje, sino la fecundidad y agudeza del ingenio de los brasileños, es en la poesía. Ya he dicho que los negros, aunque rudos e ignorantes, componen coplas, y las componen en mal portugués, porque olvidan pronto los sendos dialectos que suelen

de estar embebidos e mergulhados nela, chegamos a não conseguir ouvi-la, ainda que o queiramos, a não ser que nos ponhamos a escutá-la com maravilhoso recolhimento e atenção fixa, e abstração de todos os sentidos, das faculdades da alma e de tudo mais que há no mundo. E, mesmo assim, nem todos a ouvem.

A afeição à poesia não é menor entre os brasileiros. Não há rapaz que aos quinze anos já não escreva sonetos e trovas, nem há nascimento, casamento ou morte que não se celebre com meia dúzia de epitalâmios, horóscopos, epitáfios e *nênias*, em diferentes gêneros de metro e nos mais variados estilos. Estas composições de circunstância se publicam nos jornais como entre nós os anúncios, pagando-se certa quantia para publicá-los; e há jornais que ganham muito com a tal indústria e que divulgam, a cada semana, trovas suficientes para formar um grosso volume. Todas as senhoritas no Brasil têm álbum e no álbum conservam em verso, se forem medianamente formosas, todo o fogo e todas as doçuras que Erato pode inspirar sob o sol dos trópicos. Essas poesias costumam ser antes ruins que boas, mas até mesmo nas mais desalinhasadas se nota certa ingenuidade de paixão e certa candura que enamoram, a par de se descobrir em muitas o castiço e puro da linguagem, que os brasileiros pretendem conservar melhor que os portugueses. Mas nem por isso os brasileiros deixaram de enriquecer a língua, que chamam de nacional (por não chamá-la de portuguesa), língua que já era riquíssima, com número infinito de palavras novas, tomadas aos dialetos americanos, e embora eu não me atreva a afirmar que hajam acrescentado também palavras das línguas da costa da África, como talvez da língua *quimbunda* e da língua do Congo, as mais perfeitas das que falam os negros, pode-se todavia suspeitar que hão de ter tomado algumas palavras dessas línguas. Contudo, no corte e giro da frase, conservam a forma e maneira dos antigos clássicos portugueses, e nem nos jornais nem nos discursos parlamentares, nem nos poucos livros em prosa que até agora no Brasil se escreveram, se notam tantos galicismos quanto nos nossos.

hablar en la costa de África. Y como los negros son esclavos la mayor parte, no aprenden a leer ni a escribir, y sólo oralmente pueden conservar los frutos de su imaginación, por donde es difícil que haya en el Brasil una gran literatura negra, como ya la hay en Haití, según las curiosas noticias que nos ha dado la *Revue des Deux Mondes*, de Francia, y como la habrá, Dios mediante, si ya no la hay, en la creciente República de Liberia.

Pero no hay duda en que, si no los negros, los mulatos son muy notables poetas en el Brasil y en que los mejores poetas del Brasil son mulatos. Lo que prueba, a mi ver, que la raza negra es tan buena como la nuestra, salvo la diferencia de color y de civilización.

De los indios no sé que haya ni que se conserve obra alguna poética; y, sin embargo, nos hablan mucho las historias de sus poetas guerreros y de sus *piagas*, especie de anacoretas, sacerdotes y brujos que profetizaban en verso y se daban a la contemplación y a la vida solitaria y penitente, buscando para vivir hondas cavernas y apartados lugares en lo más esquivo y sombrío de los bosques. Pero la religión y las costumbres del Brasil eran tan rudas, y los indios vivían tan fieramente antes del descubrimiento y la conquista, que no se puede creer que fuesen por ningún estilo interesantes los cantos de los *piagas*.⁴ Los mismos idiomas de los indios

4- El célebre poeta Gonçalves Dias ha fingido y compuesto el canto de un *piaga*, que pasa por ser una de sus buenas poesías, y en el cual el *piaga* profetiza la venida de los europeos y la destrucción, vencimiento y esclavitud de los indios.

He aquí esta poesía casi íntegra:

*Ó guerreiros da taba sagrada,
ó guerreiros da tribu tupi.
Faliam deuses nos cantos do piaga,
ó guerreiros, meus cantos ouvi.*

*Esta noite, era a lua já morta
Anhangá me vedava sonhar,*

Mas é na poesia que verdadeiramente se admiram não só o primor e riqueza da linguagem, mas a fecundidade e agudez de engenho dos brasileiros. Já disse que os negros, embora rudes e ignorantes, compõem versos e os compõem em mau português, porque logo esquecem seus respectivos dialetos, falados habitualmente na costa da África. E como os negros, na maior parte são escravos, não aprendem a ler nem a escrever, e só oralmente podem conservar os frutos de sua imaginação, razão pela qual é difícil que haja no Brasil uma grande literatura negra, como já existe no Haiti, segundo as curiosas notícias que nos deu a *Revue des Deux Mondes*, da França, e como há de existir, se Deus quiser, e se já não existe, na crescente República da Libéria.

Mas não há dúvida de que, se não os negros, os mulatos são no Brasil poetas muito notáveis, e de que os melhores poetas do Brasil são mulatos. O que prova, a meu ver, que a raça negra é tão boa quanto a nossa, salvo na diferença de cor e civilização.

Dos índios não sei que haja nem que se guarde alguma obra poética. Contudo, as histórias nos falam muito de seus poetas guerreiros e de seus *piagas*, espécie de anacoretas, sacerdotes e bruxos, que profetizavam em verso e se davam à contemplação e à vida solitária e penitente, buscando para morar cavernas profundas e lugares apartados no mais retirado e sombrio das matas. Mas a religião e os costumes do Brasil eram tão rudes, e os índios viviam tão ferozmente antes do descobrimento e conquista, que não se pode crer que os cantos dos piagas fossem interessantes por qualquer estilo.⁴ Os idiomas mesmos dos índios do Brasil deviam e

-
4. O celebre poeta Gonçalves Dias imaginou e compôs o canto de um piaga, que passa por ser uma de suas boas poesias e no qual o piaga profetiza a vinda dos europeus e a destruição, derrota e escravidão dos índios. Eis aqui esta poesia, quase na íntegra:

Ó guerreiros da taba sagrada,
ó guerreiros da tribu tupi.

del Brasil debían y deben ser imperfectísimos y pobres. El único idioma de que hemos podido obtener un diccionario y gramática,

*eis na horrível caverna que habito
rouca voz começou-me a chamar.*

*Abro os olhos inquieto, medroso,
Manitós, que prodígios que eu vi!
Arde o pau de resina fumosa,
não fui eu, não fui eu que o accendi.*

*Eis rebenta a meus pés um fantasma,
um fantasma d'imensa extensão;
liso craneo repousa a meu lado,
fera cobra s'enrosca no chão.*

*O meu sangue gelou-se nas veias,
todo inteiro, ossos, carne, tremi,
frio horror me cóou pelos membros,
frio vento no rosto senti.*

*Por que dormes, ó piaga divino?
Começou-me a visão a faltar,
Por que dormes? O sacro instrumento
de per si já começa a vibrar.*

*Tu não viste, nos céos um negrume
toda a face do sol offuscar?
Não ouviste a coruja de dia,
sons estrídulos torva soltar?*

*Tu não viste dos bosques a coma
sem aragem vergar-se, gemer,
nem a lua entre nuvens de fogo,
qual em vestes de sangue, nascer?*

*E tu dormes, ó piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!*

devem ser imperfeitíssimos e pobres. O único idioma de que pudemos obter um dicionário é uma gramática, o idioma que

Faliam deuses nos cantos do piaga,
ó guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite, era a lua já morta
Anhangá me vedava sonhar,
eis na horrível caverna que habito
rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos inquieto, medroso,
Manitós, que prodígios que eu vi!
Arde o pau de resina fumosa,
não fui eu, não fui eu que o accendi.

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
um fantasma d'immensa extensão;
liso craneo repousa a meu lado,
fera cobra s'enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
todo inteiro, ossos, carne, tremi,
frío horror me cóou pelos membros,
frío vento no rosto sentí.

Por que dormes, ó piaga divino?
Começou-me a visão a fallar,
Por que dormes? O sacro instrumento
de per si já começa a vibrar.

Tu não viste, nos céos um negrume
toda a face do sol offuscar?
Não ouviste a coruja de dia,
sons estrídulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
sem aragem vergar-se, gemer,

el idioma que hablan generalmente en las costas y el más común entre los indios es tan escaso, que para decir *virtud* se tienen que dar mil rodeos, y para decir *virgen* hay que llenar media página de palabrotas. Por donde se ve manifiesto que estas ideas, así como otras infinitas, no habían entrado en la cabeza de los indios hasta que aportaron al Brasil los portugueses.

Los portugueses, que se sobreponían entonces por valor y fortuna a todas las naciones de Europa, y que se adelantaban a muchas en ingenio, trajeron al Brasil, con la civilización y la len-

*E tu dormes, ó pinga, e não sabes,
e não podes augúrios cantar?*

*Ouve os sons do fantasma tremendo,
ouve os sons do fiel maracá;
Manitós já fugiram da Taba!
Ó desgraça, ó ruína, o Tupá!*

*Pelas ondas do mar sem limites
vasta selva sem folhas hi vem; fartos
truncos, robustos gigantes vossas
mattas taes monstros contem.*

*Negro mastro os sustenta, por baixo,
brancas azos abrindo ao tufão,
como um bando de cândidos aves,
que nos ares pairando lá vão.*

*Oh! quem foi das entranhas das aguas
o marinho prodígio arrancar?
[...]*

*Não sabeis o que a monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
vem roubar-vos a filha, a mulher.*

falam geralmente nas costas e o mais comum entre os índios, é tão escasso que para dizer *virtude é* preciso fazer mil rodeios, e para dizer *virgem é* preciso encher meia página de palavras enormes. Por onde se vê manifesto que essas ideias, assim como outras infinitas, não haviam entrado na cabeça dos índios antes de os portugueses aportarem no Brasil.

nem a lua entre nuvens de fogo,
qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó piaga, e não sabes,
e não podes augúrios cantar?

Ouve os sons do fantasma tremendo,
ouve os sons do fiel maracá;
Manitós já fugiram da Taba!
Ó desgraça, ó ruína, o Tupá!

Pelas ondas do mar sem limites
vasta selva sem folhas hi vem;
fartos troncos, robustos gigantes
vossas mattas taes monstros contem.

Negro mastro os sustenta, por baixo,
brancas azas abrindo ao tufão,
como um bando de candidas aves,
que nos ares pairando lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas
o marinho prodígio arrancar?
[...]

Não sabeis o que a monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
vem roubar-vos a filha, a mulher.

gua de ellos, la poesía, en que, no sólo por la riqueza, número y concertada armonía de las palabras, sino también por la abundancia de los conceptos, tan dignos de elogio y aun de admiración se mostraron siempre. Mas, como los portugueses venidos al Brasil y los hijos de estos portugueses ya en el Brasil nacidos se hubiesen educado y siguiesen educándose en Portugal, los recuerdos de la madre patria o del lugar donde se educaron se les ponía por delante de los ojos, impidiéndoles ver la hermosura de la nueva patria y quitándoles el deseo de cantarla. Por eso siempre que un poeta brasileño de los pasados tiempos pensaba en hacer versos, se trasladaba su espíritu a las márgenes del Mondego o del Tajo y se olvidaba de todos los portentos del Brasil; por eso, extraviado el poeta con los resabios de la escuela, quería subir al Pindo y no se acordaba de la sierra de los Órganos; describía el valle del Tempé y no el de las Amazonas; hablaba del pastor Alfasibeo y no del indio Caitutú; se enamoraba de Filis o de Nise, pastoras griegas o lusitanas; y celebraba, por último, el canto del ruiseñor y no oía nunca los del *sabia* y del *gaturano*. En resolución: el poeta brasileño y la poesía brasileña no eran entonces sino un pálido trasunto de la poesía portuguesa. Para mayor desgracia, la poesía no comenzó a florecer en el Brasil sino cuando ya en Portugal empezaba a decaer y a perderse en las extravagancias del culteranismo; extravagancias que vinieron imitando los brasileños hasta mediados del siglo XVIII. Entonces la influencia de la literatura francesa predominaba ya en todas partes y, aunque destruyese la originalidad de las otras literaturas, se ha de confesar que restablecía el buen gusto donde andaba perdido. La cultura, delicadeza y filosofismo de la Corte de Luis XV pasaron a Lisboa, donde a la sazón imperaba el gran marqués de Pombal, y desde Lisboa al Brasil. Allí, bajo la protección del ilustrado virrey don Luis Vasconcellos y Souza, se fundaron *Arcadia Ultramarina* y otras academias literarias en que florecían, no poetas dramáticos, que hasta ahora no los ha habido en el Brasil dignos de memoria, sino líricos horacianos y anacreónticos. Lo que es poetas brasileños, como dice el

Os portugueses, que então se sobrepunham pela coragem e ventura a todas as nações da Europa, e que se adiantavam a muitas em engenho, levaram ao Brasil, com sua civilização e língua, a poesia, na qual, não só pela riqueza, número e concertada harmonia das palavras, mas também pela abundância dos conceitos, tão dignos de louvor e até de admiração sempre se mostraram. Mas os portugueses chegados ao Brasil, e seus filhos já nascidos no Brasil, haviam-se educado e continuavam a educar-se em Portugal, e assim as lembranças da mãe pátria, ou do lugar onde se educaram, surgiam-lhes diante dos olhos, impedindo-lhes de ver a formosura da nova pátria e tirando-lhes o desejo de cantá-la. Por isso, sempre que um poeta brasileiro dos tempos passados pensava em fazer versos, transportava-se em espírito às margens do Mondego ou do Tejo e se esquecia de todos os portentos do Brasil; por isso, extraviado o poeta com os ressaibos da escola, queria subir ao Pindo e não se lembrava da Serra dos Orgãos; descrevia o vale de Tempé e não o do Amazonas; falava do pastor Alfesibeu e não do índio Caititú; enamorava-se de Filis ou de Nise, pastoras gregas ou lusitanas; e celebrava, enfim, o canto do rouxinol, nunca ouvindo os do *sabiá* e do *gaturamo*. Em conclusão: o poeta brasileiro e a poesia brasileira não eram então senão um pálido reflexo da portuguesa. Para maior desgraça, a poesia não começou a florescer no Brasil senão quando em Portugal já começava a decair e a se perder nas extravagâncias do cultismo; extravagâncias que os brasileiros foram imitando até meados do século xviii. Já então a influência da literatura francesa predominava por toda a parte, e embora destruísse a originalidade das outras literaturas é preciso confessar que restabelecia o bom gosto onde estava perdido. A cultura, delicadeza e filosofismo da corte de Luis XV passaram a Lisboa, onde então imperava o grande marquês de Pombal, e de Lisboa, ao Brasil. Lá, sob a proteção do ilustrado vice-rei, dom Luís de Vasconcelos e Sousa, fundaram-se a *Arcádia Ultramarina* e outras academias literárias, em que floresciam, não poetas dramáticos (pois até agora não os tem havido no Brasil dignos de nota), e sim líricos

señor Pereira da Silva, lo eran sólo por el nombre y el acaso de haber nacido en el Brasil.⁵

Varios poetas líricos del siglo xviii se levantan y viven por la elegancia, primor y tersura de las composiciones; pero pocos por la originalidad de ellas. El más popular de todos estos poetas debe su fama más a sus amores y desgracias que a sus poesías. Hablo del malaventurado Gonzaga, uno de los primeros campeones de la independencia, desterrado a Africa por conspirador contra el Gobierno portugués, y separado para siempre de su adorada Mari- lia, a quien dedicó todos sus tiernos y apasionados versos.⁶

Pero dejando de nombrar y de clasificar otros poetas brasileños que florecieron en el siglo xviii, no porque no merezcan ser nombrados, sino porque no es nuestro ánimo hacer una historia de la literatura brasileña, diremos sólo de tres poetas épicos que por aquel tiempo tuvo el Brasil, y que, separándose más que los líricos de la imitación de los poetas de Europa, abrieron nuevo camino a los ingenios americanos y dieron origen a la moderna poesía brasileña, la cual, después de la proclamación del Imperio, ha tomado un carácter propio, y ha dado con algunos sazonados frutos la esperanza de otros mejores y más ricos.

-
5. *Parnaso Brasileiro, ou selecção de poesías, etc., precedida d'uma introduccão historica e biografica*, por J. M. P. Da Silva, Rio de Janeiro, 1848. El señor de Varn- hagen, encargado de Negocios del Brasil en esta corte, ha publicado también un rico florilegio de poesías brasileñas, con noticias históricas muy curiosas. El mismo señor ha escrito y acaso publique en España una muy erudita y elocuente historia general del Brasil. Lo que es de la historia literaria, Ferdinand Denis ha escrito un compendio, y otro el conocido poeta brasileño Joaquín Norberto de Souza Silva.
 6. La Laura de este Petrarca, la hermosa y desconsolada Marília, murió poco ha en Ouro Preto, capital de la provincia de Minas Gerães, y aunque las penas no la mataron, puesto que vivió cerca de noventa años, se pasó todo este tiempo en llorar la pérdida de su amor, y muy retirada de las vanidades del mundo y sin haber consentido nunca en casarse, para guardar fidelidad al espíritu de su poeta

horacianos e anacreônticos. Quanto aos poetas brasileiros, como diz o senhor Pereira da Silva, só o eram de nome e pela casualidade de terem nascido no Brasil.⁵

Vários poetas líricos do século xviii se elevam e vivem pela elegância, primor e limpidez das composições, mas poucos pela originalidade que lhes dão. O mais popular de todos esses poetas deve mais a fama aos amores e desgraças que a suas poesias. Falo do desventurado Gonzaga, um dos primeiros campeões da independência, desterrado à África como conspirador contra o governo português e separado para sempre de sua adorada Marília, a quem dedicou todos os seus ternos e apaixonados versos.⁶

Mas, deixando de nomear e de classificar outros poetas brasileiros que floresceram no século xviii, não porque não mereçam ser nomeados, mas porque não é nosso intuito fazer uma história da literatura brasileira, falaremos somente de três poetas épicos que, por esses tempos, teve o Brasil e que, separando-se mais que os líricos da imitação dos poetas da Europa, abriram novo caminho aos engenhos americanos e deram origem à moderna poesia brasileira, a qual, depois da proclamação da Independência do Império, tomou caráter próprio e deu, com alguns frutos maduros, a esperança de outros melhores e mais apreciáveis.

5. *Parnaso Brasileiro, ou selecção de poesias, etc., precedida duma introdução histórica e biográfica*, por J. M. P. da Silva, Rio de Janeiro, 1848. O senhor Varnha- gen, encarregado de negócios do Brasil nesta corte, publicou também um rico florilégio de poesias brasileiras, com notícias históricas muito curiosas. O mesmo senhor escreveu e talvez publique na Espanha uma erudita e muito eloq,ente história geral do Brasil. Quanto à história literária, Ferdinand Denis escreveu um compêndio, e outro o conhecido poeta brasileiro Joaquim Nor- berto Souza e Silva.

6. A Laura deste Petrarca, a formosa e desconsolada Marília, morreu há pouco em Ouro Preto, capital da província de Minas Gerais, e embora não morresse de mágoas, pois viveu cerca de noventa anos, passou todo o tempo a chorar a perda de seu amor e muito retirada das vaidades do mundo, sem nunca ter aceito casar-se, para guardar fidelidade ao espírito de seu poeta.

Los brasileños tienen un inagotable manantial de poesía en aquella virgen Naturaleza que los rodea y donde hallan mil bellos y magníficos objetos nunca hasta ahora descritos y mil nuevas imágenes de que revestir sus pensamientos y mil nuevas impresiones no sentidas por los poetas de Europa. No tienen una historia de la conquista tan novelesca como la del Perú o la de Méjico, ni, como estos dos países, unas tradiciones tan maravillosas ni una mitología tan variada. En el Brasil no hay memoria de que existiese nunca una civilización indígena como la de los incas o la de los aztecas, ni mucho menos de otra civilización más antigua, como la hubo en Méjico antes de la venida de los aztecas, y dan testimonio de ella soberbias y ciclópeas ruinas; pero no faltan tampoco tradiciones brasílicas ni leyendas de que se pueda apoderar la poesía, y de las que en efecto se van ya sirviendo los poetas contemporáneos.

Entre estos poetas hay muchos que, ya por la perfección y corrección del lenguaje, ya por la elevación de las ideas, merecerían ser conocidos; pero no queriendo yo hacer un libro de un artículo, me limitaré a hablar en éste de los tres épicos ya mencionados y de otros dos poetas que entre los innumerables que ahora viven en el Brasil (porque no hay persona que sepa leer y escribir que allí no lo sea), me parecen los más originales, ingeniosos e inspirados. Creo que con la crítica de estos poetas y con citar algunos ejemplos y muestras de sus obras, se formará una idea exacta de la índole peculiar, arte y manera de la poesía del Brasil.

Os brasileiros têm um inesgotável manancial de poesia naquela natureza virgem que os rodeia, onde encontram mil objetos belos e magníficos, nunca até agora descritos, mil novas imagens com que revestem seus pensamentos e mil impressões não sentidas pelos poetas da Europa. Não têm uma história de conquista que seja tão romanesca como a do Peru ou a do México, nem como esses dois países, tradições tão maravilhosas, nem mitologia tão variada. No Brasil não há memória de que algum dia houvesse existido uma civilização indígena como a dos incas ou dos astecas, muito menos de outra civilização mais antiga, como houve no México antes da chegada dos astecas — e dela são testemunhas as soberbas e ciclópicas ruínas. Mas tampouco faltam tradições brasílicas, nem lendas de que a poesia possa apoderar-se e das quais, com efeito, já se estão servindo os poetas contemporâneos.

Entre esses poetas há muitos que, seja pela perfeição e correção da linguagem, seja pela elevação das idéias, mereceriam ser conhecidos; mas não querendo eu fazer um livro de um artigo, aqui me limitarei a falar dos três épicos já mencionados e de outros dois poetas, dentre os inúmeros que agora vivem no Brasil (porque lá não há pessoa que saiba ler e escrever que não o seja) que me parecem os mais originais, engenhosos e inspirados. Creio que com a crítica desses poetas e com a citação de alguns exemplos e amostras de suas obras, há de se formar uma idéia exata da índole peculiar, arte e maneira da poesia do Brasil.

III

Ya hemos dicho que los primeros poetas brasileños, ligados por los preceptos y las tradiciones de la escuela, no pudieron ni supieron ser sino meros imitadores, y que donde brilló al cabo la verdadera originalidad de la poesía brasílica fue en la epopeya, a la cual, como lo demuestran Camoens, Sa y Meneses, Musinho- Quevedo y otros mil, el genio de los portugueses era más inclinado y dispuesto que a ningún otro género de poesía.

Pero como la epopeya en los tiempos modernos no puede ser ya religiosa, esto es, no puede ya dar una forma bella a las fábulas y representaciones de la divinidad, porque la divinidad, o por medio de la revelación o por medio de la ciencia, tiene determinada su forma de ser en la mente humana, la epopeya viene casi a aniquilarse y a reducirse a un cuento en verso o a una leyenda más o menos maravillosa, pero sin autoridad alguna aunque a veces, por lo grande y estupendo del suceso que refiere, o por la acabada y gentil manera de referirle, inspira un interés mayor y se eleva a poema nacional.

Algo de la mitología americana puede, sin duda, servir de máquina a los modernos poemas escritos sobre cosas de América; pero, como el poeta no puede prestar fe a esta mitología, su uso debe circunscribirse harto prosaicamente. Los sucesos mismos del descubrimiento y la conquista, conocidos por la Historia hasta en sus más nimios pormenores, no se ajustan bien a la ficción épica, ni llegan a tomar sus gigantescas proporciones. Si Homero hubiese vivido en tiempo de Tucídides, Homero no hubiera escrito la *Iliada*. La guerra de Troya le hubiera parecido una mal dispuesta expedición de pobres y desalmados piratas, y a pesar de los esfuerzos de su imaginación soberana, nunca hubiera formado más alta idea de aquella empresa. No es esto decir que Colón, Cortés, Pizarro y Balboa no valgan, cada uno de por sí, más que Aquiles, Uli-

Já dissemos que os primeiros poetas brasileiros, vinculados a preceitos e tradições de escola, não puderam nem souberam ser mais do que meros imitadores, e que afinal onde brilhou a verdadeira originalidade da poesia brasileira foi na epopeia, à qual o gênio dos portugueses era mais inclinado e disposto que a nenhum outro gênero de poesia, como demonstram Camões, Sá e Meneses, Mousinho Quevedo e outros mil.

Mas a epopéia nos tempos modernos já não pode ser religiosa, isto é, não pode mais dar ela forma às fábulas e representações da divindade, pois a divindade, seja pela revelação, seja pela ciência, tem na mente humana uma forma de ser já determinada. A epopéia vem, assim, quase a se aniquilar e a se reduzir a um conto em verso ou a uma lenda mais ou menos maravilhosa, mas sem autoridade alguma, ainda que às vezes, pela grandeza e maravilha do evento que refere, ou pela maneira gentil e perfeita de relatá-lo, inspire interesse maior e se eleve a poema nacional.

Algo de mitologia americana pode, sem dúvida, servir de apoio para os modernos poemas escritos sobre coisas da América; mas, como o poeta não pode prestar fé a esta mitologia, seu uso deve limitar-se de modo bastante prosaico. Os próprios acontecimentos da descoberta e da conquista, conhecidos pela História até nos pormenores mais miúdos, não se ajustam bem à ficção épica, nem chegam a tomar-lhe as proporções gigantescas. Se Homero tivesse vivido nos tempos de Tucídides, Homero não teria escrito a *Ilíada*. A guerra de Tróia lhe teria parecido uma expedição desorganizada de pobres piratas desalmados, e apesar dos esforços de sua imaginação soberana, nunca teria formado idéia mais alta daquela empresa. Isto não quer dizer que Colombo, Cortés, Pizarro e Balboa não valham, cada um por si, mais do que Aquiles, Ulisses e Ajax, todos juntos; e sim que o conhecimento exato que temos de

ses y Ajax todos juntos; sino que el conocimiento exacto que tenemos de sus personas, índole y condición, los imposibilita para ser héroes de un poema, aunque en la Historia sean heroicos y extraordinarios personajes. Y, por otra parte, las tradiciones poéticas del Nuevo Mundo son más a propósito, en este siglo investigador y sin creencias, para fundar sobre ellas sistemas, ya juiciosos, ya disparatados, sobre las emigraciones y primitiva historia de aquellos pueblos, que para componer poemas, dando más vida a dichas tradiciones. Sobre una de ellas escribió Southey un poema titulado *Mudoc*, que no pasaba de ser una ingeniosa leyenda; y aún se podrían componer otros poemas por el estilo fingiendo que, por casualidad y antes de la venida de Colón, llega a América algún héroe de Europa o de Asia y que es recibido y considerado como un dios por los indígenas salvajes, a los cuales enseña la agricultura y otras artes útiles, les da leyes y los reduce a un gobierno ordenado y político. Pero al hacer un poema con este o con semejante argumento, lejos de poetizar la tradición, lo que haremos será explicarla prosaica y racionalmente, y arrojaremos de su templo peruano a Manco-Capac y al *dios del aire* de su *Teocali* de Cholula, para convertirlos en príncipes del Japón o de la China, en judíos extraviados o en naufragos infelices de nuestra Europa. La idea de que Santo Tomás estuvo en América predicando el Evangelio; la de que los americanos indígenas descienden de los egipcios o de los hebreos; y la más inaudita aún de que el verdadero Misraim de donde salió Moisés para la tierra prometida fue de América, tienen algo de entretenido y curioso, y quizá mucho de extravagante; pero no es posible creer que en el día haya nadie dotado de la suficiente buena fe para tomarlas con seriedad por asunto de un poema, y lo que más se puede esperar es que sirvan para escribir alguna leyenda o romance.

Esta última clase de composición, tan peculiar y propia de los portugueses y españoles es, a mi ver, la más adaptable, así para cantar las primitivas tradiciones de los pueblos americanos como la sorpresa y asombro de ellos y de los hombres de Europa al

suas pessoas, ídolos e condições, os impede de ser heróis de um poema, embora sejam heroicos e extraordinários personagens da História. Por outro lado, neste século pesquisador e descrente, as tradições poéticas do Novo Mundo melhor se prestam a fundamentar sistemas, judiciosos ou disparatados, sobre as emigrações e a história primitiva daqueles povos, que a compor poemas que dêem mais vida a essas tradições. Sobre uma delas Southey escreveu um poema intitulado *Madoc*, que não passava de uma lenda engenhosa; assim também poderiam escrever-se outros poemas semelhantes, fingindo-se que por acaso, antes de Colombo, chega à América algum héroi da Europa ou da Ásia, e que é recebido e considerado como deus pelos indígenas selvagens, aos quais ensina a agricultura e outras artes úteis, outorga leis e os conjuga em governo organizado e político. Mas ao fazer um poema com este argumento, ou com outro semelhante, longe de poetizar a tradição, o que estaremos fazendo seria explicá-la prosaica e racionalmente: expulsaremos Manco-Capac de seu templo peruano, e do *Teocali* de Cholula o *deus do ar*, para convertê-los em príncipes do Japão ou da China, em judeus extraviados ou em náufragos infelizes de nossa Europa. A idéia de que São Tomé esteve na América pregando o Evangelho; a de que os indígenas americanos descendem dos egípcios ou hebreus; e a idéia ainda mais inaudita de que a América foi o verdadeiro Misraim de onde saiu Moisés para a terra prometida, têm algo de entretido e curioso, e talvez muito extravagante; mas não é possível crer que hoje em dia haja alguém dotado de boa fé suficiente para levá-las a sério como assunto de um poema; o máximo que se pode esperar é que sirvam para escrever alguma lenda ou romanceiro.

Esta última classe de composição, tão peculiar e própria dos portugueses e espanhóis, a meu ver, é a que mais se presta a cantar as primitivas tradições dos povos americanos, bem como a surpresa e assombro deles e dos homens da Europa ao se encontrarem; as guerras que daí se seguiram e as primeiras impressões dos europeus ao pisar aquela terra virgem, bela, incógnita e afastada. Infe-

encontrarse; las guerras que a esto se siguieron, y las impresiones primeras de los europeos al pisar aquella tierra virgen, hermosa, incógnita y apartada. Por desgracia, nos falta a la gente española un duque de Rivas americano, que escriba estos romances históricos; y un poeta alemán, Enrique Heine, ha tenido que darnos, en su *Huitzilopotchli*, una hermosa muestra de lo que en este género se puede hacer. En cuanto a los portugueses y modernos brasileños, ya sabemos que escogieron la forma épica para cantar las hazañas y casos americanos, que, contados así, más que poemas parecen crónicas o novelas rimadas, sin negar por eso que encierran mucha poesía, como ahora vamos a ver, aunque más bien está la poesía en la belleza de las descripciones y en la novedad de los objetos que se describen, que no en los caracteres que se trazan, ni en los sucesos que se cuentan.

El primer poema brasileño, así por haber sido el primero que se publicó como por ser el más correcto y limado, es *El Uruguay*, de Basilio de Gama.⁷ Y, sin embargo, el hecho histórico que da asunto a este poema, que más bien parece un libelo contra los jesuitas, no tiene grande interés. En 1710 Portugal cedió a España la colonia del Sacramento, en cambio de las siete misiones del Uruguay, que debían ser incorporadas al Brasil. Los jesuitas y los indios, que estaban contentísimos bajo el dominio de aquéllos, no quisieron obedecer esta determinación, y de aquí se originó una guerra, en la cual, después de una obstinada resistencia, los indios fueron vencidos y sometidos. Los jesuitas, en este poema, son maltratados y calumniados terriblemente. Los capitanes portugueses y españoles que los vencen nos inspiran poquísimos interés; y todas

7. Si el lector desea enterarse de la vida de este poeta y de sus demás escritos, puede consultar las historias literarias del Brasil ya citadas, y el libro titulado *Epicos brasileiros*, en el cual el señor don Francisco Adolfo Varnhagen ha publicado los dos poemas brasileños más notables del siglo pasado, *El Uruguay* y *Caramurú*, y los ha ilustrado con notas críticas e históricas. La edición de los *Epicos brasileiros* está hecha en Lisboa en 1845.

lizmente nos falta, à gente espanhola, um duque de Rivas americano que escreva estes romances históricos: um poeta alemão, Heinrich Heine, foi quem nos deu, com seu *Huítzlopotchli*, uma bela amostra do que nesse gênero se pode criar. Quanto aos portugueses e modernos brasileiros, já sabemos que escolheram a forma épica para cantar as façanhas e casos americanos, que, assim contados, mais que poema parecem crônicas ou novelas rimadas. Com isso não se nega que contenham muita poesia, como agora vamos ver, ainda que sua poesia esteja antes na beleza das descrições e novidade dos objetos descritos, que nos caracteres que traçam ou nos acontecimentos que narram.

O primeiro poema brasileiro, tanto por ter sido o primeiro que foi publicado como por ser o mais correto e limado é o *Uruguay*, de Basílio da Gama.⁷ Apesar disso, o fato histórico que serve de assunto ao poema parece mais um libelo contra os jesuítas e não tem grande interesse. Em 1710 Portugal cedeu à Espanha a colônia do Sacramento em troca das sete missões do Uruguai, que haviam de ser incorporadas ao Brasil. Os jesuítas e os índios, que estavam contentíssimos sob o domínio deles, não quiseram obedecer à determinação, e daqui se originou uma guerra, na qual, após obstinada resistência, os índios foram vencidos e subjugados. Os jesuítas, nesse poema, são terrivelmente maltratados e caluniados. Os capitães portugueses e espanhóis que os vencem, nos inspiram pouquíssimo interesse; todas as simpatias do leitor vão para os pobres índios que, embora, segundo o poeta, defendam uma péssima causa, enganados e alucinados pelos padres, mesmo assim a defendem com maravilhoso heroísmo.

7. Se o leitor quiser inteirar-se da vida desse poeta e de seus demais escritos, pode consultar as histórias literárias do Brasil já citadas, e o livro intitulado *Épicos brasileiros*, onde o senhor Francisco Adolfo Varnhagen publicou os poemas brasileiros mais notáveis do século passado, o *Uruguai* e o *Caramuru*, ilustrando-os com notas críticas e históricas. A edição dos *Épicos brasileiros* foi feita em Lisboa em 1845.

las simpatías del lector son para los pobres indios, que, si bien, según el poeta, defienden una malísima causa, engañados y alucinados por los padres, la defienden no obstante, con una heroicidad maravillosa.

Cacambo es el héroe principal del poema. Su amigo, el valeroso Cepé, muere en una batalla a manos del gobernador de Montevideo. El ejército hispano portugués adelanta, venciendo mil dificultades, y ya el río Uruguay es la última que les falta salvar. El ejército de los indios está acampado en la orilla opuesta. Es alta noche y todos duermen. De repente, Cepé se aparece en sueños a Cacambo, a la manera, si bien con diferente fin, que Héctor se aparece a Eneas, y le pide venganza, aconsejándole que incendie el campamento de los portugueses. Aquí comienza el más bello episodio del poema y no podemos menos que transcribir algunos versos:

*Accorda o índio valoroso, e salta
longe da curva rede, e sem demora
o arco e as settas arrebatada e fere
o chão com o pé: quer sobre o largo rio
ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as varias pennas
e o arco e as settas e a sonora aljava;
e onde mais manso e mais quieto o rio
se estende e espraia sobre a ruiva areia
pensativo e turbado entra; e com agua
já por cima do peito, as mãos e os olhos
levanta ao ceo, que elle não via, e ás ondas
o corpo entrega. Já sabia entanto
a nova empresa na limosa gruta
o patrio rio; e dando um geito à urna,
fez que as aguas corressem mais serenas;*

Cacambo é o principal héroi do poema. Seu amigo, o valoroso Cepé, morre em uma batalha, pelas mãos do governador de Montevideu. O exército hispano-português avança, sobrepujando mil dificuldades, e o rio Uruguai é a última que lhes falta superar. O exército dos índios está acampado na margem oposta. É noite alta e todos dormem. Cepé aparece em sonho a Cacambo, tal qual Heitor a Enéias, ainda que com diferente finalidade, e pede-lhe vingança, aconselhando-o a incendiar o acampamento dos portugueses. Aqui começa o mais belo episódio do poema e não podemos deixar de transcrever alguns versos:

*Accorda o índio valoroso, e salta
longe da curva rede, e sem demora
o arco e as settas arrebatada e fere
o chão com o pé: quer sobre o largo rio
ir peito a peito a contrastar co'a morte.
Tem diante dos olhos a figura
do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as varias pennas
e o arco e as settas e a sonora aljava;
e onde mais manso e mais quieto o rio
se estende e espraia sobre a ruiva areia
pensativo e turbado entra; e com agua
já por cima do peito, as mãos e os olhos
levanta ao ceo, que elle não via, e ás ondas
o corpo entrega. Já sabia entanto
a nova empresa na limosa gruta
o patrio rio; e dando um geito à urna,
fez que as aguas corressem mais serenas;
e o índio afortunado á praia opposta
tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
da margem guarneçada, e mansamente
pelo silencio vai da noite escura
buscando a parte donde vinha o vento.*

*e o índio afortunado á praia opposta
tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
da margem guarneçada, e mansamente
pelo silencio vai da noite escura
buscando a parte donde vinha o vento.
Já, como é uso do paíz, roçando
dois lenhos entre si, desperta a chamma
que já se atêa nas ligeiras palhas
e velozmente se propaga. Ao vento
deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
da perigosa luz; porem na margem
do rio, quando a chamma abrazadora
começa a alumiar a noite escura.
Já sentido dos guardas, não se assusta,
e temeraria e venturosamente
fiando a vida aos animosos braços,
de um alto precipicio ás negras ondas
outra vez se lançou, e foi dum salto
ao fundo rio a visitar a areia.
De balde gritam, e de balde as margens
corre a gente apressada. Elle, entretanto,
sacode as pernas e os nervosos braços:
rompe as espumas assoprando e a um tempo
suspendido nas mãos, voltando o rosto,
via nas agoas tremulas a imagem
do arrebatado incendio, e se alegrava.*

Esta hazaña homérica, contada por un estilo tan natural y tan alto, no produce gran resultado, gracias a la prontitud y destreza con que supo el general portugués atajar el incendio. Entre tanto, Cacambo, engreído con el triunfo que cree haber alcanzado, se dirige a su aldea para contar su hazaña al jesuita Balda, su protector. Este le envenena despiadadamente y deja viuda a la hermosísima Lindoya, con el intento, sin duda, de casarla con su ahijado

Já, como é uso do paíz, roçando
dois lenhos entre si, desperta a chamma
que já se atéa nas ligeiras palhas
e velozmente se propaga. Ao vento
deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
da perigosa luz; porem na margem
do rio, quando a chamma abrazadora
começa a alumiar a noite escura.
Já sentido dos guardas, não se assusta,
e temeraria e venturosamente
fiando a vida aos animosos braços,
de um alto precipicio ás negras ondas
outra vez se lançou, e foi dum salto
ao fundo rio a visitar a areia.
De balde gritam, e de balde as margens

corre a gente apressada. Elle, entretanto,
sacode as pernas e os nervosos braços:
rompe as espumas assoprando e a um tempo
suspendido nas mãos, voltando o rosto,
via nas agoas tremulas a imagem
do arrebatado incendio, e se alegrava.

Esta façanha homérica, contada em estilo tão natural e elevado, não surte grande efeito, graças à prontidão e destreza com que o general português soube atalhar o incêndio. Cacambo, envaidecido com o triunfo que julga ter alcançado, dirige-se à sua aldeia para contar o feito ao jesuíta Balda, seu protetor. Este o envenena impiedosamente e deixa viúva a formosíssima Lindóia, decerto com o intento de casá-la com seu afilhado Baldetta, personagem ridículo, Tersites desta *Iliada* e, segundo as más línguas, mais próximo parente do padre do que publicamente se dizia. Mas Lindóia, desesperada com a morte do esposo, não encontra consolo no mundo e odeia a vida. Cheia desses tristes sentimentos vai consultar sobre o futuro a maga Tanajura. Com seus feitiços, esta lhe

Baldetta, personaje ridículo, Tersites de esta *litada*, y según malas lenguas, más cercano pariente del padre que lo que públicamente se decía. Pero Lindoya, desesperada con la muerte de su esposo, no halla consuelo en el mundo y aborrece la vida. Llena de estos tristes sentimientos va a consultar sobre lo porvenir a la maga Tanajura, la cual le muestra por encanto, en el cristal de las aguas encerradas en un vaso, el terremoto de Lisboa de 1755, la reedificación por el marqués de Pombal de la parte arruinada de aquella ciudad y, por último, la destrucción y ruina de la impía República de los jesuitas, con lo cual (esto es, con lo último, que es lo único que viene a cuento) quedará vengada la muerte de Cacambo. Mas no por eso Lindoya se consuela.

Balda persiste, no obstante, en casarla con Baldetta. Lindoya es de sangre real y tiene cierta autoridad y poder entre los indios, que es menester que alcance Baldetta casándose con ella. Todo está ya preparado para las bodas en la aldea de Balda.

*Estão patentes as douradas portas
do grande templo, e na visinha praça
se vão dispondo de uma e de outra banda
as vistosas esquadras diferentes.
Co'a chata frente de Urucú tingida
vinha o indio Kobbé disforme e feio,
que sustenta nas mãos pesada maça
com que abate no campo os inimigos,
como abate a seara o rijo vento.
Traz consigo os salvagens das montanhas
que comem os seus mortos; nem consentem
que jamais lhes esconda a dura terra,
no seu avaro seio o frio corpo
do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo que de si fez mostra,
o mancebo Pindó, que succedéra
a Cepé no logar; inda em memoria*

mostra, nas águas cristalinas contidas numa taça, o terremoto de Lisboa de 1755, a reedificação da parte arruinada da cidade, por obra do marquês de Pombal e, enfim, a destruição e ruína da ímpia República dos jesuítas, com o que (estas duas predições são as que vêm ao caso) ficará vingada a morte de Cacambo. Mas nem por isso Lindóia se consola.

Balda, porém, persiste em casá-la com Baldetta. Lindóia é de sangue real e tem entre os índios certa autoridade e poder que Baldetta deve alcançar com o casamento. Tudo já está preparado para as bodas na aldeia de Balda:

Estão patentes as douradas portas
do grande templo, e na vizinha praça
se vão dispendo de uma e de outra banda
as vistosas esquadras diferentes.
Co' a chata frente de Urucú tingida
vinha o índio Kobbé disforme e feio,
que sustenta nas mãos pesada maça
com que abate no campo os inimigos,
como abate a seara o rijo vento.
Traz consigo os salvagens das montanhas
que comem os seus mortos; nem consentem
que jamais lhes esconda a dura terra,
no seu avaro seio o frio corpo
do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo que de si fez mostra,
o mancebo Pindó, que succedéra
a Cepé no logar; inda em memoria
do não vingado irmão, que tanto amava,
leva negros pennachos na cabeça
são vermelhas as outras pennas todas,
cor que Cepé usara sempre em guerra.
Vão com elles os seus Tapes, que se affrontam
e que têm por injuria morrer velhos.

*do não vingado irmão, que tanto amava,
leva negros pennachos na cabeça
são vermelhas as outras pennas todas,
cor que Cepé usara sempre em guerra.
Vão com elles os seus Tapes, que se affrontam
e que têm por injuria morrer velhos.
Segue-se Caititú de regio sangue,
e de Lindoya irmão. Não muito fortes
são os que elle conduz; mas são tão destros
no exercício da frexa, que arrebatam
ao verde papagaio o curvo bico
voando pelo ar. Nem dos seus tiros
o peixe prateado está seguro
no fundo do ribeiro. Vinham logo
alegres guaranis de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga;
[...]*

y ahora ya la viene mandando Baldetta. En fin, todos están ya reunidos en la gran plaza, y sólo falta Lindoya para que se dé principio a la fiesta. Todos extrañan su tardanza y muchos empiezan a recelar algún mal, cuando saben, por boca de la hechicera Tanajura, que Lindoya acaba de internarse en lo más intrincado del bosque que circunda el jardín. Lleno entonces Caititú de tristísimos presentimientos, va en busca de su hermana.

*Entram em fim na mais remota e interna
parte de antigo bosque escuro e negro
onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte que murmura
curva latada de jasmims e rosas.
Este logar delicioso e triste,
cansada e viver, tinha escolhido
para morrer a mísera Lindoya.*

Segue-se Caititú de regio sangue,
e de Lindoya irmão. Não muito fortes
são os que elle conduz; mas são tão destros
no exercício da frexa, que arrebatam
ao verde papagaio o curvo bico
voando pelo ar. Nem dos seus tiros
o peixe prateado está seguro
no fondo do ribeiro. Vinham logo
alegres guaranis de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga;
[...]

e agora já é Baldetta quem vem no comando. Enfim, todos estão reunidos na grande praça e só falta Lindóia para que se dê início à festa. Todos estranham seu atraso e muitos começam a recear alguma desgraça, quando vêm a saber, pela boca da feiticeira Tanajura, que Lindóia acaba de se internar na parte mais espessa da mata que circunda o jardim. Caititu, cheio de tristíssimos presentimentos, sai então em busca da irmã;

Entram em fim na mais remota e interna
parte de antigo bosque escuro e negro
onde ao pé de uma lapa cavernosa
cobre uma rouca fonte que murmura
curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
cansada e viver, tinha escolhido
para morrer a mísera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
na branda relva e nas mimosas flores,
tinha a face na mão e a mão no tronco
de um funebre cipreste que espalhava
melancolica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo

*Lá reclinada, como que dormia,
na branda relva e nas mimosas flores,
tinha a face na mão e a mão no tronco
de um funebre cipreste que espalhava
melancólica sombra. Mais de perto
descobrem que se enrola no seu corpo
verde serpente, e lhe passeia e cinge
pescoço e braços e lhe lambe o seio.
Fugem de a ver assim sobressaltados,
e param, cheios de temor ao longe;
[...]*

*Porém o destro Caititú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco e quiz tres vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira e o temor. Em fim sacode
o arco, e faz voar a aguda setta
que toca o peito de Lindoya e fere
a serpente na testa, e a boca e os dentes
deixou cravados no visinho tronco
açouta o campo coía ligeira cauda
o irado monstro, e em tortuosos giros
se enrosca no cipreste, e verte envolto
em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
o desgraçado irmão, que ao desperta-la
conhece (com que dor) no frio rosto
os signaes do veneno, e vê ferido
pelo dente subtil o brando peito;
os olhos, em que amor reinara um dia
cheios de morte; e muda aquella lingua
que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caititú não soffre o pranto.*

verde serpente, e lhe passeia e cinge
pescoço e braços e lhe lambe o seio.
Fugem de a ver assim sobressaltados,
e param, cheios de temor ao longe;
[]
...

Porém o destro Caititú, que treme
do perigo da irmã, sem mais demora
dobrou as pontas do arco e quiz tres vezes
soltar o tiro, e vacillou tres vezes
entre a ira e o temor. Em fim sacode
o arco, e faz voar a aguda setta
que toca o peito de Lindoya e fere
a serpente na testa, e a boca e os dentes
deixou cravados no visinho tronco
açouta o campo coía ligeira cauda
o irado monstro, e em tortuosos giros
se enrosca no cipreste, e verte envolto
em negro sangue o lívido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
o desgraçado irmão, que ao despertal-a
conhece (com que dor) no frio rosto
os signaes do veneno, e vê ferido
pelo dente subtil o brando peito;
os olhos, em que amor reinara um dia
cheios de morte; e muda aquella lingua
que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caititú não soffre o pranto,
e rompe em profundissimos suspiros
lendo na testa da fronteira gruta
de sua mão já tremula gravado
o alheio crime e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
o suspirado nome de Cacambo.

*e rompe em profundissimos suspiros
lendo na testa da fronteira gruta
de sua mão já tremula gravado
o alheio crime e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
o suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
um não sei que de magoado e triste,
que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!*⁸

Muerta ya Lindoya por su propia voluntad, es imposible enterrarla en sagrado. La consternación y el dolor se apoderan de los indios; y en este estado los sorprende el general portugués, y con facilidad los vence y los somete.

El quinto y último canto del poema nos describe, pintadas en las bóvedas del templo principal de las misiones, las maldades todas de la Compañía de Jesús. Dejo de hablar de ellas porque bastante se ha hablado ya y se ha escrito en estos últimos tiempos y acaso no habrá persona alguna que no haya leído por lo menos

-
8. El autor, si bien a veces es original y nuevo, no deja de imitar muy a menudo a los poetas latinos e italianos que había estudiado, y sabía apreciar su valor, lo cual contribuyó poderosamente a formar su estilo elegante y primoroso. En este pasaje que acabamos de citar hay varias imitaciones felices, entre otras, las de los últimos versos, que nos traen a la memoria los de Petrarca, pintando la muerte de Madama Laura:

*Pallida no, ma più que neve bianca
que senza vento in un bel colle flocchi,
parea riposar come persona stanca,
huasi un dolce dormir ne'suoi belli occhi
essendo'l spirto gia da lei diviso,
era aquel che morir chiaman gli schiocchi.
Morte bella pareo nel suo bel viso.*

Inda conserva o pallido sembiante
um não sei que de magoado e triste,
que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!⁸

Lindóia, que morre por sua própria vontade, não pode ser sepultada em terreno sagrado. A consternação e a dor se apoderam dos índios; neste estado os surpreende o general português, que com facilidade os vence e subjuga.

O quinto e último canto do poema nos descreve, pintadas nas cúpulas do principal templo das missões, todas as maldades da Companhia de Jesus. Deixo de falar delas porque bastante já se tem falado e escrito nestes últimos anos e talvez não haja ninguém que não tenha lido ao menos *O judeu errante* de Eugenio Sue. Em confirmação, as histórias divinas e escritas com divino estilo por Rivadeneira e Lucena acerca de Santo Inácio e de São Francisco Xavier estão cobertas de pó, e ninguém as retoma para contemplá-las. É sabido que os incrédulos envergonhados, que não se atrevem a atacar diretamente a religião católica, desabafam-se insultando os jesuítas e o fazem de tão diferentes formas que ora os expulsam de

-
8. O autor, embora às vezes original e novo, não deixa de imitar, muito amiúde, os poetas latinos e italianos que havia estudado. Sabia apreciar-lhes o valor, o que contribuiu poderosamente para formar seu estilo elegante e primoroso. Nesta passagem que acabamos de citar há várias imitações felizes, entre outras, as dos últimos versos, que nos trazem à memória os de Petrarca, pintando a morte da senhora Laura:

*Pallida no, ma più que neve bianca
que senza vento in un bel colle fiocchi,
parea riposar come persona estanca,
huasi un dolce dormir ne'suoi belli occhi
essendo l' spirito gia da lei diviso,
era aquel che morir chiaman gli schiocchi.
Morte bella pareo nel suo bel viso..*

El judío errante, de Eugenio Sué. En cambio, aquellas historias divinas y por tan divino estilo escritas que de San Ignacio y de San Francisco Javier compusieron Rivadeneira y Lucena, están en polvo y nadie las levanta para mirarlas. Sabido es que los incrédulos vergonzantes, que no se atreven a atacar directamente la religión católica, se desahogan insultando a los jesuitas: y esto por tan diferente manera, que ya los echan de unos países como liberales y demagogos, ya de otros como serviles y absolutistas. Lo que es yo tengo para mí que estos jesuitas han de ser gente razonable y justa e ilustrada, aunque algo ambiciosa, cuando tan perseguidos se ven por el vulgo. Basilio de Gama, ingrato con ellos, porque les debía su educación, su posición y todo lo que era, ya sabemos cómo los trata; y Basilio de Gama, aunque no era vulgo, sigue en esto las opiniones del vulgo. Por lo demás, este poeta es, si no grande, muy estimable y digno de la inmortalidad que él mismo con la conciencia cierta de su mérito se vaticina al acabar su obra.

*Serás lido « Uruguay ». Cubra os meus olhos
embora un dia a escura noite eterna,
tu vive, e goza a luz serena e pura.*

Versos que son el *non omnis moriar* de Horacio, más modestamente repetido.

alguns países como liberais, e demagogos; ora de outros como servis e absolutistas. Tenho para mim que esses jesuítas devem ser gente razoável, justa e ilustrada, ainda que algo ambiciosa, já que se vêem tão perseguidos pelo vulgo. Basílio da Gama, ingrato para com eles (porque lhes devia sua educação, sua posição e tudo o que era) já sabemos como os trata; e Basílio da Gama, embora não fosse vulgar, segue nesse ponto as opiniões vulgares. No mais, este poeta é, senão grande, muito estimável e digno da imortalidade que ele próprio, com a consciência certa de seu mérito, vaticina para si ao acabar sua obra:

Serás lido «Uruguay». Cubra os meus olhos
embora un dia a escura noite eterna,
tu vive, e goza a luz serena e pura.

Versos que são o *non omnis moriar* de Horácio, repetidos mais modestamente.

Pocos años después del poema *El Uruguay*, apareció, con el título de *Caramurú*, otro poema de más interesante y variado argumento, de mayores dimensiones y con más entusiasmo y delicada ingenuidad escrito; aunque, por desgracia, ni con mucho tan correcto y castigado en la forma.

José de Santa Rita Durao, hombre de estudios y tan conocedor y admirador de los clásicos latinos como Basilio de Gama, carecía del exquisito buen gusto de éste; o más bien, acaso, la misma facilidad que tenía para versificar (facilidad casi siempre dañosa), le hizo ser a menudo desaliñado y flojo. Ello es que su prosaísmo de expresión sería insoportable si lo poético del sentimiento no nos lo hiciera llevadero y hasta le cambiase en ocasiones por muy levantado estilo, prestando al poeta *os magna sanatorum* y aliento para la trompa épica. Por donde se vendrá a conocer que este poema de Caramurú, ingenioso en la composición, carece en la ejecución de bien concertado artificio; y que su autor, más que delicadeza de gusto y entendimiento de hermosura, tenía inventiva y sensibilidad, las cuales dotes bastan por sí solas a ponerle en el Parnaso portugués, tan rico de epopeyas.

El mismo Durao tuvo la intención de competir en cierto modo con Camoens, no ya injuriándole, como el padre Macedo, sino tratando de levantar a las glorias de los portugueses en América un monumento, semejante por la grandeza al que levantó Camoens a las glorias de los portugueses en Oriente. Durao estuvo muy lejos de conseguirlo; mas no se le ha de culpar por haberlo intentado con nobleza y sin envidia, aunque sin capacidad.⁹ No le cegaba el

9. El padre Macedo en su poema de *Oriente*, trata, como vulgarmente suele decirse, de enmendarle la plana a Camoens, y en el prólogo del *Oriente* procura demostrar, con grande ingenio y copia de erudición (que no le negare-

IV

Poucos anos depois do poema *O Uruguay*, apareceu com o título de *Caramuru*, outro poema de argumento mais variado e mais interessante, de dimensões maiores e escrito com mais entusiasmo e delicada ingenuidade, embora, infelizmente, nem de longe tão correto e castiço na forma.

José de Santa Rita Durão, homem de estudo e tão conhecedor e admirador dos clássicos latinos quanto Basílio da Gama, carecia de refinado bom gosto possuído por este. Ou, talvez, a facilidade mesma de que dispunha para versificar (habilidade quase sempre nociva), amiúde o fez ser desleixado e frouxo. É que o prosaísmo de sua expressão seria insuportável se o poético do sentimento não no-lo tornasse tolerável, chegando às vezes, a transformá-lo em estilo muito elevado e prestando ao poeta os *magna sanatorum* e alento para a trompa épica. Por onde se chegará a conhecer que este poema do *Caramuru*, engenhoso na composição, carece na execução de artifício bem ordenado; e que seu autor mais que delicadeza de gosto e entendimento de beleza, tinha inventividade e sensibilidade, dotes que por si sós bastam para pô-lo no Parnaso português, tão rico de epopéias.

Durão mesmo teve a intenção de competir de certo modo com Camões, não injuriando-o, como o Padre Macedo, mas tratando de levantar, às glórias dos portugueses na América, um momento semelhante em grandeza ao que Camões levantou às glórias dos portugueses no Oriente. Durão ficou bem longe de conseguir-lo: mas não se há de culpá-lo por tê-lo tentado com nobreza e sem inveja, embora sem capacidade.⁹ Não o cegava o amor próprio, e

9. O Padre Macedo, em seu poema *O Oriente*, trata, como popularmente se diz, de pôr os pingos nos «is» de Camões, e no prólogo do *Oriente* procura demons

amor propio, sino el amor de la patria, tan vehemente entre los brasileños. Duraó, que ha visto y sabe toda la hermosura del Brasil, piensa que describiéndola él en sus versos con gran verdad, pondrá en sus versos la más alta y sorprendente poesía; y, por otra parte, él se complace hasta tal punto en contarnos las cosas de su tierra, que su misma complacencia presta un encanto particular a sus descripciones de plantas, aves, fieras y peces, usos y costumbres y diversa fisonomía de las tribus salvajes. El asunto principal, o cuadro en que todas estas cosas se ajustan y convienen, está dispuesto con acertado tino, y es como sigue.¹⁰

Descubierta estaba ya gran parte del dilatado Brasil cuando Diego Correa fue a colonizarle con otros portugueses. Una horrorosa tormenta destrozó la nave en que iban y los arrojó en una tierra incógnita. Los salvajes antropófagos que la habitaban rodearon a los náufragos, se apoderaron fácilmente de ellos y, encerrándolos en una oscura caverna, los destinaron para su sustento. Y como unos muriesen de este modo y otros se salvaran por la fuga, internándose en los bosques, vino Diego, que estaba muy enfermo y delgado, a quedar solo, porque no pudo huir con sus compañeros, y vivo, porque no quisieron los salvajes comérselo hasta que engordara. Con este intento le dejaban en cierta libertad, y aprovechándose de ella, tuvo un día la dicha de hallar entre los restos de la nave que las olas habían depositado en la playa un arcabuz, alguna pólvora y otros objetos utilísimos en aquellas circunstancias y propios para

mos ambas cualidades, aunque sí la imparcialidad y buena fe) que *Os Lusíadas* no tienen nada bueno que no sea robado, y que Camoens, por consiguiente, es un plagiarlo y un pésimo poeta. Camoens no ha menester que nadie le defienda de estas atrevidas acusaciones, y, a pesar de ellas atrevidas acusaciones, y, a pesar de ellas y del padre Macedo, durará siempre su gloriosa fama; pero creemos no obstante que si los argumentos del padre Macedo no han sido dignamente combatidos, merecen serlo.

10. Sobre el fundamente histórico de Caramurú ha escrito el señor Varnhagen un discurso muy erudito y curioso.

sim o amor da pátria, tão veemente entre os brasileiros. Durão, que viu e conheceu toda a beleza do Brasil, pensa que ao descrevê-la em seus versos com grande veracidade, porá nesses versos a mais alta e surpreendente poesia. Por outro lado, o poeta se compraz a tal ponto em nos contar as coisas de sua terra, que essa mesma complacência presta um encanto particular a suas descrições de plantas, aves, feras e peixes, usos e costumes e diversa fisionomia das tribos selvagens. O assunto principal, ou quadro em que todas essas coisas se ajustam e concorrem, está disposto com atinado acerto e é como segue.¹⁰

Já se achava descoberta grande parte do dilatado Brasil quando Diogo Correia foi colonizá-lo com outros portugueses. Uma horrorosa tormenta destroçou o navio em que viajavam e os atirou a uma terra incógnita. Os selvagens antropófagos que a habitavam rodearam os náufragos, facilmente se apoderaram deles e, encerrando-os numa escura caverna, os destinaram a seu sustento. Alguns morreram desse modo; outros se salvaram fugindo e internando-se nas selvas. Assim, Diogo que estava muito doente e magro, veio a ficar só, por não poder fugir com seus companheiros, e vivo, porque os selvagens não queriam comê-lo antes que engordasse. Para isso o deixavam em certa liberdade. Aproveitando-se dela, o prisioneiro teve um dia a sorte de encontrar entre os restos do navio, lançados pelas ondas à praia, um arcabuz, um pouco de pólvora e outros objetos utilíssimos naquelas circunstân-

trar, com grande engenho e cópia de erudição (qualidades estas que não lhe negamos, ao contrário da imparcialidade e da boa fé) que *Os Lusíadas* não têm de bom nada que não seja roubado e que Camões, portanto, é um plagiário e um péssimo poeta. Camões não precisa de ninguém para defendê-lo dessas acusações atrevidas, e apesar delas e do Padre Macedo, sua (ama gloriosa durará para sempre; contudo, cremos que se os argumentos do Padre Macedo não foram dignamente combatidos, merecem sê-lo.

10. Sobre o fundamento histórico do *Caramuru*, o senhor Varnhagen escreveu um discurso muito erudito e curioso.

despertar en los indios la admiración y el respeto hacia su persona. Por lo cual y por ser él hombre de mucho espíritu y corazón sereno, no sólo se libertó de la muerte, sino que llegó a ser tenido por un dios entre aquella gente ruda que, atemorizada y sumisa, le apellidó *Caramurú*, vocablo que vale en la lengua brasílica tanto como *monstruo marino*, y según Durao, aunque los filólogos más doctos no convengan con él, *hijo del trueno*.

El *hijo del trueno*, como buen cristiano, rehusa el culto que los tupinambas le dedican, les habla del verdadero Dios y establece entre ellos más política manera de vivir, prohibiéndoles la antropofagia y haciéndoles reconocer como jefe supremo al indio Gupeva, al que toma por amigo. Este le lleva a la taba o aldea donde vive, y le hospeda con tan inauditas como honoríficas ceremonias. Todos gritan al verle: *mair ma apadú*, bien venido sea el extranjero. Algunos, como muestra de veneración, le agarran la cabeza y se la colocan en el pecho; otros le desnudan y le meten en una hamaca, y las mujeres acuden a ofrecerle su cariño. Caramurú, que es un héroe castísimo, no admite los tales ofrecimientos; pero en cambio, se enamora perdidamente de la celestial Paraguassú, portento de hermosura que, por dicha rara y como llovida del cielo, se encuentra entre aquellos feísimos salvajes. Paraguassú corresponde a tanto amor con un amor aún más intenso; le dice a su amante: «Tu patria será mi patria y tu Dios será mi Dios», y promete bautizarse. Ambos se dan, por lo pronto, la mano de esposos, y resuelven con heroica y santa virtud vivir como hermanos hasta que los case el cura.

Caramurú, entre tanto, se entera menudamente de las ideas religiosas de los indios, y ve con sorpresa que saben cosas tan altas de Dios, del diablo y de la vida futura, que no es posible las hayan ellos inventado, sino que parecen recuerdos de una revelación primitiva o de la predicación de Santo Tomás, conservados en las canciones populares y transmitidos por tradición oral de padres a hijos. El infierno, según estos indios, está en el centro profundo de las remotas montañas de Occidente; y más allá de estas montañas

cias e próprios para despertar nos índios admiração e respeito por sua pessoa. Por isso, e por ser homem de muito espírito e de coração sereno, não só se livrou da morte, mas chegou a ser tido por um deus entre aquela gente rude que, atemorizada e submissa, o apelidou de *Caramuru*, vocábulo que na língua brasílica vale o mesmo que *monstro marinho*, ou segundo Durão (embora os filólogos mais doutos não concordem com ele), *filho do trovão*.

O *filho do trovão*, como bom cristão, recusa o culto que os tupinambás lhe dedicam, fala-lhes do verdadeiro Deus e estabelece entre eles um modo mais civilizado de viver, proibindo-lhes a antropofagia e levando-os a reconhecer como chefe o índio Gupeva, a quem toma por amigo. Este o leva à taba ou aldeia onde mora e o hospeda com cerimônias tão inauditas quanto honoríficas. Todos, ao vê-lo, gritam *mair ma apadú*, bem vindo seja o estrangeiro. Alguns, em mostra de veneração, lhe agarram a cabeça e a colocam sobre o peito; outros o despem e o metem numa rede, enquanto as mulheres acorrem a lhe oferecer seu carinho. Caramuru, que é um herói castíssimo, não aceita essas ofertas; mas, por outro lado, se enamora perdidamente da celestial Paraguaçu, portento de beleza que, por estranha ventura, e como caída do céu, se encontra entre aqueles feíssimos selvagens. Paraguaçu corresponde a tanto amor com um amor ainda mais intenso e diz a seu amante: «Tua pátria será minha pátria e teu Deus será meu Deus», prometendo-lhe batizar-se. Ambos logo se dão as mãos como esposos e resolvem, com heroica e santa virtude, viver como irmãos até que um padre os case.

Enquanto isso, Caramuru se informa em pormenores sobre as idéias religiosas dos índios, e ve com surpresa que eles sabem coisas tão elevadas de Deus, do diabo e da vida futura, que não é possível que as tenham inventado; pelo contrário são coisas que parecem lembranças de uma pregação primitiva ou da pregação de São Tomé, conservadas em canções populares e transmitidas por tradição oral dos pais aos filhos. O inferno, segundo esses índios, está no centro profundo das remotas montanhas do Ocidente; e para

está el Paraíso, adonde van las almas de los justos después de la muerte. Este Paraíso es aún más bello y fecundo que cuanto el hombre puede imaginar; y hay en él mariposas, flores y pájaros como nunca se han visto en el Brasil de primorosos. Sin embargo, uno de estos pájaros, que tiene vistosísimo y resplandeciente plumaje y un canto divino, en cuya comparación nada vale el fénix de la Arabia, remonta a veces su vuelo, salva los encumbrados montes, llega al país de los mortales a contarles las glorias del Paraíso. Todo el que le oye se queda extático, suspenso y enamorado de la dulzura de su voz; pero pocos, muy pocos, son los que le entienden e interpretan las maravillas que viene refiriendo.¹¹

Mucho se alegra Caramurú de saber estas nuevas, y cree por ellas que los indios están más preparados de lo que pensaba a recibir la luz del Evangelio que él empieza ya a predicarles. Mas he aquí que de pronto la paz que reinaba entre los tupinambas y demás pueblos circunvecinos se rompe por causa del mismo Caramurú. El feroz y poderoso Jararaca, príncipe de los caetés, que se hacen mil horrendas cortaduras en la cara para estar más monstruosos y espantar a los enemigos, apasionado de Paraguassú, y viendo que se la niegan por esposa, arma a toda su gente, convoca en son de guerra otras muchas tribus de los bosques y se encamina con ellas en contra de los tupinambas y del hijo del trueno. Numerosísimo y espantoso es el ejército que manda Jararaca. Allí vienen los margates, que se pintan de negro la frente y se adornan con collares de dientes de los enemigos que matan; los ovecotes, de los cuales ha de estar siempre a treinta pasos de distancia el que no quiera que se le traguen y devoren vivo; los maques, grandes cultivadores de mandioca; los petiguares, con lanzas de palo de hierro; los carijos, las cabezas cubiertas de láminas de oro, y pen-

11. Muy semejante es esta fábula a lo que se cuenta que aquí en España le sucedió a San Vigil, el cual, como estuviese, al parecer suyo, obra de tres minutos oyendo cantar en un bosque a un pajarito del cielo, todo se lo encontró cambiado cuando volvió al convento, porque hacía trescientos años que faltaba de él.

além dessas montanhas está o Paraíso, aonde vão as almas dos justos depois da morte. Este Paraíso é ainda mais belo e fecundo do que o homem pode imaginar; contém borboletas, flores e pássaros mais primorosos que quaisquer dos que jamais se viram no Brasil. Contudo, um desses pássaros, que tem plumagens vistossíssima e esplendorosa, e um canto divino, diante do qual nada vale o fénix da Arábia, às vezes alça vôo, passa os picos das montanhas e chega ao país dos mortais para lhes contar as glórias do Paraíso. Todos os que o ouvem ficam em êxtase, suspensos e enamorados da doçura de sua voz; mas poucos, muito poucos são os que o entendem e sabem interpretar as maravilhas que ele vai contando.¹¹

Caramuru se alegra muito ao saber essas notícias e que o levam a crer que os índios estão mais preparados do que ele pensava para receber a luz do Evangelho que ele começa a lhes pregar. Mas eis que logo a paz que reinava entre os tupinambás e os demais povos circunvizinhos é rompida por causa do próprio Caramuru. O feroz e poderoso Jararaca, príncipe dos caetés, povo que usa mil horrendos cortes na cara para ficar mais monstruosos e espantar os inimigos, apaixonou-se por Paraguaçu. Vendo que lhe negam essa esposa, arma a toda sua gente, convoca para a guerra outras muitas tribos das selvas e com elas vai enfrentar os tupinambás e o filho do trovão. Numerosíssimo e espantoso é o exército que manda Jararaca. Vão ali os *margates* que pintam a testa de negro e se enfeitam com colares de dentes dos inimigos que matam; os *ove-cotes*, dos quais deve ficar sempre a trinta passos de distância quem não quiser ser engolido e devorado vivo; os *maques*, grandes cultivadores de mandioca; os *potiguares*, com lanças de pau de ferro; os *carijós*, com as cabeças cobertas de lâminas de ouro e os lábios perfurados com berloques de ricos diamantes, rubis e

11. Muito semelhante a esta fábula é o que se corita aqui, na Espanha, que aconteceu a São Vigil, o qual, ficando cerca de tres minutos (assim lhe pareceu) a escutar no bosque o canto de um passarinho do céu, quando voltou ao convento encontrou tudo mudado, porque havia trezentos anos que saíra dali.

dientes de los horadados labios ricos diamantes, rubíes y zafiros, de que tanto abunda su tierra; los de Agirapirauga, diestros en el manejo de las flechas y bebedores de sangre humana; los itatis, sordos por el rumor de las cataratas, cerca de las cuales tienen su morada; los crudelísimos tapuias, con ingentes mazas armados, y las mujeres de los tapuias, de prolongadísimas orejas, que por amor conyugal entran en batalla al lado de sus esposos. El ejército de Gupeva no es menos variado, y si no tan numeroso, cuenta, en cambio, con el auxilio de Caramurú, que él solo vale un ejército. También la bella Paraguassú conduce a la guerra un brillante batallón de mujeres. En fin, después de varios lances y combates, Caramurú y sus aliados vencen a los enemigos y matan al cruel Jararaca. Diez naciones de las más belicosas y grandes se someten a Caramurú, y los dominios de éste y la benéfica influencia de su gobierno se extienden por todo lo interior del país. Las más hermosas y principales doncellas indias se mueren de amor por el héroe portugués, y él las desprecia y guarda fidelidad a su esposa.

En esto, otros naufragos europeos son arrojados a la costa. Caramurú los socorre y reconoce que son españoles, y los agasaja como a hermanos de raza, de gloria y de dominio en el mundo. Alejandro IV ha dividido entre ellos, en nombre de Dios, el Imperio de la Tierra.

Ambos pueblos

*Ja sabes que no ocaso e no oriente
novos mundos buscaram pelo Oceano
depois de haver domado a Libia ardente;
e que, onde não chegou o grego, o romano,
passeia o forte hispano e a lusa gente;
que instruidos na nautica com arte
descubriram do mundo outra gran parte.
Do Tejo ao Indo o português impera,
de un polo ao outro o castelhano voa,
e os dois extremos da redonda esfera
dependem de Sevilha e de Lisboa.*

safiras, de que é tão copiosa aquela terra; os de Agirapiraga, destros no manejo das flechas e bebedores de sangue humano; os itatis, surdos com o barulho das cataratas, perto das quais habitam; os crudelíssimos tapuias, armados de ingentes maças, e as mulheres dos tapuias de orelhas esticadíssimas, que por amor conjugal entram na batalha ao lado de seus esposos. O exército de Gupeva não é menos variado e se não é tão numeroso, conta, em compensação, com o auxílio de Caramuru, que sozinho vale um exército. Também a bela Paraguaçu conduz à guerra um brilhante batalhão de mulheres. Enfim, depois de vários lances e combates, Caramuru e seus aliados vencem os inimigos e matam o cruel Jararaca. Dez nações das maiores e mais belicosas se submetem a Caramuru, cujos domínios e cuja benéfica influência de governo se estendem por todo o interior do país. As mais formosas e notáveis donzelas índias morrem de amor pelo herói português, que as despreza e guarda fidelidade a sua esposa.

Enquanto isso, outros náufragos europeus são lançados à costa. Caramuru os socorre e reconhece que são espanhóis. Abriga-os como a irmãos de raça, de glória e de domínio no mundo. Alexandre IV *[sic]*, em nome de Deus, dividiu entre eles o império da Terra.

Ambos os povos

Ja sabes que no ocaso e no oriente
novos mundos buscaram pelo Oceano
depois de haver domado a Libia ardente;
e que, onde não chegou o grego, o romano, passeia o
forte hispano e a lusa gente;
que instruidos na nautica com arte
descubriram do mundo outra gran parte.
Do Tejo ao Indo o português impera,
de un polo ao outro o castelhano voa,
e os dois extremos da redonda esfera
dependem de Sevilha e de Lisboa

Los náufragos son compañeros del atrevido Orellana, y refieren las portentosas hazañas de Pizarra en el Perú y la estupenda y apenas creíble que ellos acaban de ejecutar, viniendo desde Quito, al través de mil peligros, combatiendo con ignoradas y ferocísimas gentes y navegando a la ventura por el Casca, el Napo y el caudaloso Amazonas, hasta parar en el Atlántico.

Poco después de la venida de los náufragos llega igualmente a aquella costa una nave francesa. Caramurú, deseando volver a su patria, se embarca con Paraguassú. Las doncellas indias de él enamoradas le siguen a nado, y una de ellas, llamada Noema, que se adelanta a las otras, después de exhalar mil quejas en sentidos diversos, cae en un desmayo, se va a fondo y perece ahogada. Sus compañeras se vuelven a tierra llenas de dolorosa amargura. Este episodio es digno de compararse el de Ariadna en las bodas de Tetis y Peleo, y sería más bello si tuviese la misma corrección y elegancia en el decir que el de Catulo.

En lo restante del poema Duraó decaería mucho, a no ser por las descripciones que el héroe, ya en Europa, hace de los portentos que ha visto en el Brasil. Por demás está apuntar aquí que Paraguassú se bautiza y se casa con su adorado. El casamiento se celebra en París, y Catalina de Médicis es la madrina de Paraguassú, y le da su nombre. Diego no quiere, a pesar de los ofrecimientos y agasajos que le hace el rey de Francia, quedarse en su servicio; y, volviendo a emplearse en el del rey de Portugal, atraviesa de nuevo el Atlántico y concurre a la fundación de la gran ciudad de Bahía de todos los Santos, ya teatro de sus más difíciles y peligrosas aventuras, y capital luego de todo el Brasil. Paraguassú ve en sueños las glorias de la nueva colonia y las refiere muy menudamente, y con especialidad las guerras que tuvieron los bahianos contra los holandeses, y cómo lograron expulsarlos. En fin, el poema, aunque hartó prosaicamente, acaba a gusto de todos, porque no sólo queda fundada, sino floreciente la colonia, los indios felices, y Diego y Catalina más felices aún, y honrados y queridos en ella.

Os náufragos são companheiros do ousado Orellana, e narram as portentosas façanhas de Pizarro no Peru e a proeza estupenda e quase incrível que eles acabam de executar, chegando desde Quito, através de mil perigos, combatendo com povos ignorados e ferocíssimos e navegando a esmo pelo Casca, o Napo e o caudaloso Amazonas, até parar no Atlântico.

Pouco depois da chegada dos náufragos, chega igualmente àquela costa um navio francês. Caramuru, desejando voltar à sua pátria, embarca com Paraguaçu. As donzelas índias, enamoradas dele, seguem-no a nado e uma delas, chamada Moema, que vai adiante das outras, depois de soltar mil queixas em diversos sentidos, cai em desmaio, afunda e morre afogada. Suas companheiras voltam a terra, cheias de amargura. Este episódio é digno de com- parar-se ao de Ariadne nas bodas de Tétis e Peleu, e seria mais belo se tivesse a mesma correção e elegância no dizer que o de Catulo.

No restante do poema Durão decairia muito, se não fossem pelas descrições que o herói, já na Europa, vai fazendo dos portentos que viu no Brasil. Nem é preciso dizer aqui que Paraguaçu se batiza e se casa com seu amado. O casamento se celebra em Paris e Catarina de Médicis é a madrinha de Paraguaçu, e lhe dá seu nome. Apesar dos oferecimentos e da acolhida, Diogo não quer ficar a serviço do rei de França. Volta a servir ao rei de Portugal, atravessa de novo o Atlântico e colabora na fundação da grande cidade de Bahia de Todos os Santos, outrora teatro de suas mais difíceis e perigosas aventuras e depois capital de todo o Brasil. Paraguaçu vê em sonhos as glórias da nova colônia e as relata em pormenores, especialmente no tocante às guerras dos baianos contra os holandeses, até a expulsão destes. Enfim, o poema, embora muito prosaicamente, acaba com satisfação de todos, porque a colônia não só fica fundada, mas florescente, os índios ficam felizes e Diogo e Catarina ainda mais felizes e honrados, e queridos naquela terra.

Abierta ya por Duro y por Gama la senda de la verdadera poesía nacional, y comenzando ya a despertarse en todos los ánimos el deseo de la independencia, la inspiración se derrama en las almas y aparece en el Brasil un sinnúmero de poetas, perfectos unos por la forma clásica y elegante estilo de sus obras, otros por su inspiración y entusiasmo. Y, proclamada al fin la independencia, las obras de estos poetas salen a la luz con tal abundancia, que es imposible, sin pecar de prolijo, dar noticia circunstanciada de ellas a lectores no brasileños y que no se interesan por estas cosas en gran manera.

Con los nombres sólo de los poetas brasileños que conocemos se pudieran llenar un par de páginas de esta Revista,¹² y apenas hay en el Brasil personaje político, senador, presidente de provincia, gentilhombre de su Majestad Imperial, médico de fama, oidor y catedrático de una de las dos Universidades, que no haya dado ni continúe dando culto a las musas.

Entre tantos poetas hay dos que muy particularmente merecen ser conocidos. Uno de ellos es González Díaz, que por su originalidad y por su fecundidad puede ser llamado el Zorrilla del Brasil. Sus leyendas y canciones brasileñas son interesantísimas. Una de estas leyendas, titulada *Y Yucapirama* o *El que ha de ser muerto*, pinta maravillosamente las fieras costumbres de las tribus salvajes.

12. La dificultad de citar sus nombres se aumenta por los prolongados y abundantes que son sus nombres mismos. Así por ejemplo, José Bonifacio de Andrade y Silva, poeta pindárico; Domingo José González de Magalhaes, poeta meditabundo, a la manera de Lamartine; Francisco Octaviano de Silva Roza, poeta satírico y digno traductor de Byron, Joaquim Norberto da Silva e Souza, discreto autor de una ingeniosísima y fantástica leyenda titulada *La Nebulosa*.

J á aberta por Durão e Gama a trilha da verdadeira poesia nacional, e já iniciando a se despertar em todos os ânimos o desejada independência, a inspiração se derrama nas almas e aparece no Brasil um sem-número de poetas, uns perfeitos pela forma clássica e pelo estilo elegante de suas obras, outros pela inspiração e entusiasmo. Proclamada afinal a independência, as obras desses poetas saem à luz com tal abundância que é impossível, sem pecar por ser prolixo, dar notícia circunstanciada dessas obras a leitores não brasileiros que não tenham interesse maior pelo assunto.

Somente com os nomes dos poetas brasileiros que conhecemos seria possível preencher um par de páginas desta Revista.¹² Quase não há no Brasil personagem político, senador, presidente de província, fidalgo de sua Majestade Imperial, médico de fama, ouvidor e catedrático de uma das duas universidades que não tenha ou não continue prestando culto às musas.

Entre tantos poetas há dois, muito particularmente, que merecem ser conhecidos. Um deles é Gonçalves Dias, que pela originalidade e fecundidade pode ser chamado o Zorrilla do Brasil. Suas lendas e canções brasileiras são interessantíssimas. Uma dessas lendas, intitulada *I Iuca Pirama* ou *Aquele que há de ser morto*, pinta maravilhosamente os ferozes costumes das tribos selvagens. Em outra poesia, intitulada *A mãe d'água*, descreve a náiaide brasileira,

12. A dificuldade de citar seus nomes aumenta por serem esses nomes prolongados e abundantes. Assim, por exemplo, José Bonifácio de Andrada e Silva, poeta pindárico; Domingos José Gonçalves de Magalhães, poeta meditabundo, no estilo de Lamartine; Francisco Octaviano de Silva Roza [sic], poeta satírico e digno tradutor de Byron, Joaquim Norberto da Silva e Souza [sic], discreto autor de uma engenhosíssima e fantástica lenda intitulada *A Nebulosa* [sic].

En otra poesía titulada *La madre del agua*, se describe la náyade brasileña o espíritu que habita en el fondo de los ríos: el cual, según la creencia supersticiosa del Brasil, es una hermosa ninfa, con buenos cabellos de oro que le sirven como de vestido, y con ojos de tan inexplicable fascinación, y con voz tan armoniosa, que ninguno que la escucha resiste a la tentación de arrojarse al agua para verla y oírla más de cerca. Los niños pequeñuelos suelen ser víctimas de estas crueles sirenas, y morir ahogados.

El gigante de piedra, título de otra poesía del señor González Díaz, es un enorme peñasco que a la entrada de la gran bahía de Río de Janeiro se levanta hasta las nubes y aparece como si la estuviera guardando y defendiendo. Al contar el poeta este prodigio de la Naturaleza, celebra asimismo, en muy elegantes versos, las cosas pasadas en su país y el brillante porvenir que le espera. *Lecho de hojas verdes* es un idilio delicadísimo. *Marabú* es la triste y melancólica pintura del aislamiento y menosprecio en que tienen y con que tratan los indios a los mestizos. Y, por último, en *Tabira* nos muestra el poeta a los indios guerreando entre sí y destruyéndose por la dominación del Brasil, como si aquella tierra extensísima les viniese estrecha, hasta que los europeos subyugan igualmente a vencedores y vencidos. Este canto parece, hasta en el metro, una imitación del admirable coro del *Carmagnola*, de Manzoni. La influencia de Víctor Hugo y de Zorrilla se nota también en González Díaz, aún más a menudo; pero este vate americano tiene la ternura que les falta a nuestros dos poetas europeos. Como ambos, ha escrito muchísimo González Díaz y ha tocado todos los géneros, menos la poesía dramática, la cual se puede casi asegurar que no ha nacido aún en el Brasil. González Díaz es el más popular de todos los poetas brasileños; pero hay otro poeta mucho más grande y digno de memoria. Hablamos del señor Araújo Porto Alegre.

Este poeta es tan nuevo y tan extraordinario, así en sus bellezas como en sus defectos, que no creemos que hasta ahora haya nacido otro mayor poeta en el Brasil, y consideramos que sus obras

ou espírito que mora no fundo dos rios e que, segundo a crença supersticiosa do Brasil, é uma formosa ninfa cujos belos cabelos de ouro lhe servem de vestido. Com olhos de inexplicável fascínio e com voz harmoniosa, faz com que ninguém que a escute resista à tentação de se atirar à água para vê-la e ouvi-la mais de perto. As criancinhas costumam ser vítimas dessas crueis sereias, e morrem afogadas.

O gigante de pedra, título de outra poesia do senhor Gonçalves Dias é um enorme penhasco da entrada da baía do Rio de Janeiro que se levanta até as nuvens e parece estar guardando e protegendo essa entrada. O poeta, ao contar esse prodígio da Natureza, celebra também, em versos muito elegantes, as coisas ocorridas em seu país e o brilhante porvir que o espera. *Leito de folhas verdes* é um idílio delicadíssimo. *Marabá* é a triste e melancólica pintura do isolamento e menosprezo em que os índios mantêm e tratam os mestiços. E por último, em *Tabira*, o poeta nos mostra os índios em guerra entre si, destruindo-se pelo domínio do Brasil (como se aquela terra extensíssima lhes fosse estreita) até que os europeus subjugam igualmente vencedores e vencidos. Este canto parece, até no metro, uma imitação do admirável coro do *Car-magnola* de Manzoni. A influência de Victor Hugo e de Zorrilla se nota também em Gonçalves Dias, ainda mais amiúde; mas esse vate americano tem a ternura que falta a nossos dois poetas europeus. Como ambos, Gonçalves Dias escreveu muitíssimo e alcançou todos os gêneros, menos a poesia dramática, da qual quase se pode assegurar que ainda não nasceu no Brasil. Gonçalves Dias é o mais popular de todos os poetas brasileiros; mas há outro poeta muito maior e digno de memória. Falamos do senhor Araújo Porto Alegre.

Este poeta é tão novo e tão extraordinário, tanto nas belezas quanto nos defeitos, que acreditamos que até agora não haja nascido no Brasil poeta maior que ele, e consideramos que suas obras por si mesmas merecem capítulo à parte e muito detido exame. Araújo Porto Alegre é o poeta americano por excelência e o que

solas merecen capítulo aparte y muy detenido examen. Araújo Porto Alegre es el poeta americano por excelencia y el que con más verdad y entusiasmo nos pinta y ensalza las grandezas y hermosuras de aquel Nuevo Mundo. En su poema de Colón canta, además, nuestras glorias, y las canta tan dignamente, que sería ligereza de nuestra parte, y hasta irreverencia, el hablar de él como de paso, sin detenernos a examinar y ponderar todo su valor y merecimiento.

Madrid, 1855.

com mais verdade e entusiasmo nos pinta e exalta as grandezas e formosuras daquele Novo Mundo. Além disso, em seu poema de Colombo canta nossas glórias, e tão dignamente as canta que seria leviandade nossa, e até irreverência, falar do assunto como de passagem, sem demorar-nos a examinar e ponderar todo o seu valor e merecimento.

Madri, 1855

ESTA EDICIÓN BILINGÜE DE «DE LA POESÍA DEL BRASIL»
SE ACABÓ DE IMPRIMIR EL DÍA 14 DE JULIO DE 1996,
FESTIVIDAD DE SAN CAMILO, PATRONO
DE LOS HOSPITALES Y PRECURSOR
DE LA CRUZ ROJA.

Laus Deo.



Em preparação:

Francisco de Quevedo:

Sonetos

El peculiar talante esteticista de Juan Valera (1824-1905) lo aleja de los moldes del Realismo y lo convierte en un personaje de difícil clasificación, cuyas opiniones suelen estar por encima de las apasionadas polémicas de la época.

Gran conecedor de las principales literaturas europeas, dedicó una especial atención a la literatura hispanoamericana, de la que fue un eficaz difusor en Europa. *De la poesía del Brasil* (1855), ensayo que presentamos en este volumen en edición bilingüe, es fruto de este mismo interés y producto del conocimiento directo que Valera tuvo del país y de su lengua a raíz de su actividad diplomática en Río de Janeiro.



*La Colección Orellana es una iniciativa de la
Consejería de Educación y Ciencia de la Emba-
jada de España en Brasil que tiene como objetivo
contribuir a la difusión de la cultura hispánica.*